

Digitized by the Internet Archive  
in 2018 with funding from  
Princeton Theological Seminary Library

<https://archive.org/details/revistainternaci3434unse>

# Revista Internacional do Espiritismo

LAP

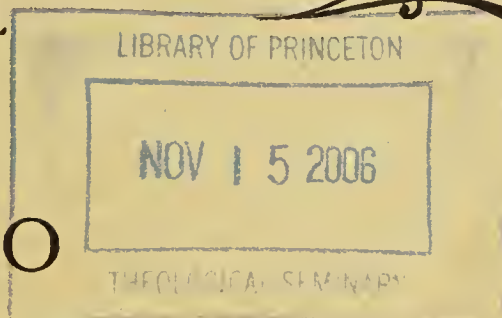
REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :

CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)

## SUMÁRIO



O Advento do Espiritismo (1848-1958)  
O Meu Cristo de Faiança . . . . .  
Parabens ! Juca, e até logo ! . . . . .  
Considerações Biofísicas . . . . .  
Cátedras de Parapsicologia nas Fa-  
culdades de Medicina . . . . .  
A Hiperconsciência . . . . .  
Ramatis e a Ciência . . . . .  
Memórias de um Espírita Baiano . . . . .  
Livros Novos . . . . .  
A Futura Religião do Brasil . . . . .  
A Doutrina Espírita, Ensina a Verdade  
Médiuns de Mesas e Terreiros . . . . .  
O Amor . . . . .  
Noblesse Oblige... . . . .  
Sôbre uma Música Mediúnica de  
Schumann . . . . .  
Crônica Estrangeira . . . . .  
Necrologia . . . . .  
Espiritismo no Brasil . . . . .

Redação  
*José da Costa Filho*  
*Ismael Gomes Braga*  
*G. M. Minardi*  
  
*Irmão Saulo*  
*Luiz Caramarchi*  
*V. O. Casella*  
*Leopoldo Machado*  
*Ítalo Ferreira*  
*Ismael Gomes Braga*  
*Samuel Gomes da Costa*  
*Públio Máximo*  
*Bianôr Medeiros*  
*Arnaldo S. Thiago*  
  
*Cicero Pimentel*  
Redação  
Redação  
Redação



# Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalipse», — Cairbar Schutel.

À venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. \$ 66,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

---

## Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4<sup>a</sup> edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

À venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. \$ 21,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

# Uma Grande Vida

---

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.


Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

---

## Médiuns e Mediunidades



Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinamentos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr\$.20,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo*

REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

## O Advento do Espiritismo (1848-1958)



À 110 anos, uns simples golpes (raps) vibrados na parede de um casebre de Hydesville, foram o aviso do Mundo Espiritual para passar aos homens uma nova mensagem, a solução do

enigma que escaldava a mente humana. Era o «Telégrafo de Deus» que de novo ia funcionar e a Terceira Revelação deveria vir ao mundo.

Os Espíritos Elevados não estavam satisfeitos com o material humano que para lá emigrava. Ou eram religiosos que levavam idéias insensatas sôbre um inferno imaginário, sôbre uma salvação — um verdadeiro favoritismo—que lhes conferia o direito num céu incompreensível, ou então eram materialistas endurecidos por falsos raciocínios. Êsses diferentes pensamentos absurdos determinavam longos estacionamentos na via evolutiva. Daí, a necessidade de reviver os ensinoss de Jesus, ampliando-os.

As pancadas eram vibradas por uma entidade que afirmava ter sido um mascate de nome Rosna, de 31 anos de idade, roubado, assassinado e enterrado, cinco anos antes, no porão do mesmo casebre.

As manifestações eram em presença de duas meninas inocentes, as irmãs Fox. As notícias espalharam-se rapidamente, atraindo inúmeros curiosos. Naquele tempo, a crença na existência do diabo e in-

ferno ainda era bem forte e os fenômenos foram ao diabo atribuídos. Os púlpitos vociferavam. As irmãs Fox foram excomungadas, por exercerem um comércio condenado com o diabo que personificava um homem «morto». Êste dizia coisas contrárias aos artigos de fé, aos dogmas, pois sustentava que os mortos continuavam a viver imediata e naturalmente em um mundo análogo ao que haviam deixado, dotados de corpos espirituais. O mascate nada encontrara que se assemelhasse ao céu ou inferno ortodoxos, mas continuava a ser o mesmo homem, menos o corpo material. A prova de sua identidade foi o encontro, mais tarde, de seu esqueleto, baú de folha, etc. Foi uma decepção para os púlpitos, pois não se tratava do diabo, mas do próprio esqueleto de Rosna oculto por trás de uma parede falsa que desmoronou mais tarde.

Ao tratar das manifestações de Hydesville, o Prof. Bozzano escreveu em «Luce e Ombra»: «Se o caso em aprêço fôsse o único, seria suficiente para provar a existência da alma humana».

Mas, êsses ensinoss vindos do outro mundo não eram novos. Há quase 2.000 anos, Jesus pregava as mesmas verdades em seus sermões e, mais ainda, deu provas da sobrevivência, não só no Monte da Transfiguração, quando se materializaram Moisés e Elias, mortos há séculos, mas por seus próprios reaparecimentos aos

discípulos que sabiam-NO morto e sepultado e isto durante quarenta dias. Se não fossem aquêles reaparecimentos, o Cristianismo teria morrido no nascedouro.

No princípio da nossa Era, Jesus, crucificado e sepultado, provou ter sobrevivido à morte do corpo; há 110 anos, no dia 31 de Março, um mascate, também assassinado e enterrado, demonstrou ter sobrevivido à morte do corpo.

A Igreja primitiva era espiritualista, mas perdeu o contacto com o mundo espiritual. Cessaram as profecias, desapareceu a vidência, emudeceram os comunicantes, os obsessados continuavam prêsas de espíritos obsessôres. Todos os dons do espírito desertaram das igrejas.

Um grande silêncio mediou entre êsses dois grandes eventos. Sôbre conjeturas, os clérigos fundaram uma teologia que desvirtuou os ensinamentos de Jesus, substituindo o simples fato da sobrevivência humana por representações fantásticas que violentavam o raciocínio. Surgiu o Racionalismo que atacou os dogmas e muitos chafurdaram no materialismo.

O advento do Espiritismo deveria ter sido saudado como sendo a confirmação, a restauração dos fatos narrados nos Evangelhos. Mas o amor próprio de homens que se julgavam inspirados, entrou em choque com a vontade dos espíritos e aconteceu o inevitável, os corações despedaçados pela dor da separação, foram buscar no Espiritismo o conforto que lhes era negado pelas igrejas.

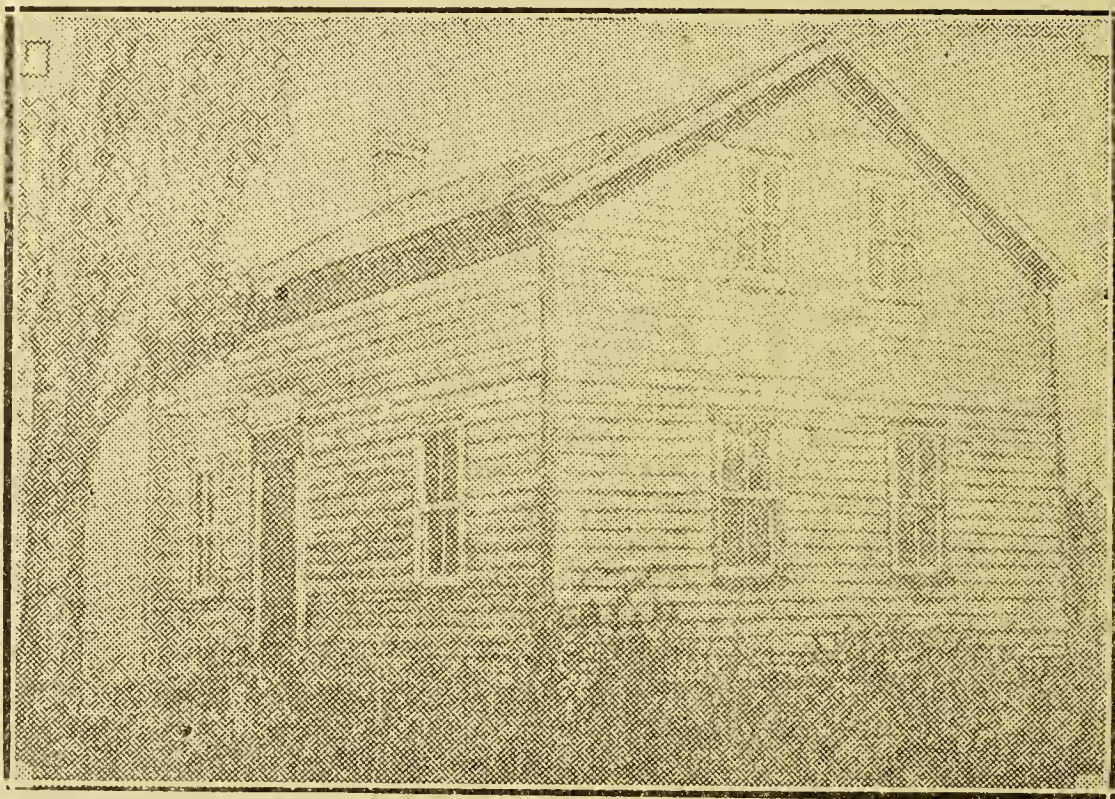
As comunicações do mascate «morto» repercutiram ao longe. Os espíritos estavam resolvidos a esclarecer os homens.

Por todo o mundo explodiam os fenômenos, desde os palácios reais às choupanas.

As manifestações de Hydesville foram o início da nova era espiritual da humanidade, contrariando os preceitos humanos, mas obedecendo aos que do Outro Lado se propuseram a provar a continuidade da vida após o desencarne.

A família Fox é parte proeminente nêsse movimento que se alastrou por todo o mundo e aceito pelos espíritos livres.

Por ocasião da inauguração do monumento comemorativo do «Moderno Espiritualismo» em Rochester, Nova York, no dia 4 de dezembro de 1927, foi lida



O Casebre de Hydesville, onde se deram as primeiras manifestações

uma carta de Sir Arthur Conan Doyle, autor dêsse empreendimento, em que êle encarecia essa homenagem, no mesmo lugar em que se produziram as primeiras manifestações espíritas por meio de golpes.

O Espiritismo triunfará, pois é a verdade e nada lhe pode embargar os passos. Através do nevoeiro, em que há tantos séculos flutua o pensamento humano, tateando em busca da verdade, o Espiritismo faz passar um grande clarão, desfazendo as quiméras do passado.



# O Meu Cristo de Faiança

José da Costa Filho

**O**S sinos da igreja, vagarosa e cadenciadamente, anunciavam a *Ave Maria*.

Os últimos raios de sol levavam junto o majestoso espetáculo de uma tarde crepuscular em que doces reminiscências invadem a alma de saudades dos tempos que se transformaram em cinzas...

— *Ave Maria!* meu filho. Aproxima-se a hora de orares e deitar-te. A noite não tarda a vir. Já escurece.

E a bôa e humilde mãe, com palavras ternas, ensinava-me a fazer o *sinál da cruz e a rezar o Pai Nosso*.

Depois... eu me entregava aos braços de Morfeu, que me daria o descanso necessário para matar a fadiga de uma jornada de traquinices...

Um dia, quando eu começava a ter noção das cousas, minha mãe, no meu natalício, presenteou-me com um Cristo de faiança, e disse-me com enlêvo:

— Eis aí o teu Cristo, a quem já te referi por diversas vezes. Adora-o ainda mais que a teus pais.

Aceitei com carinho o presente, mesmo porque, segundo me haviam dito — Cristo era Senhor dêste mundo.

Jamais a minha alma de menino havia exultado de tanta alegria: eu possuía o Senhor do mundo — Jesus Cristo!

Tendo-o como uma reliquia de inestimável valor, edifiquei-lhe um pequeno altar, fazendo o meu oratório predilêto.

Tôdas as noites, antes de ocupar o leito, reconciliava-me, em silêncio, com o meu Cristo de faiança, dirigia-lhe preces do fundo da alma — porque tinha fé. E sentia que algo de misterioso, ajudava-me, animava-me a isso.

Ao amanhecer, o mesmo. Enquanto as avesinhas chilreavam lá fora, adejando por todos os lados, saudando o dia, eu novamente agradecia ao meu Cristo de faiança, o dia que me dava a ver, esplendoroso e cheio de Amor e Vida.

Aos poucos compreendia que, por intuição, amava Jesus. E me sobrecarregava com prazer dessa tarefa, porque, também me haviam dito que o jugo do Cristo era suave e o seu fardo era leve.

Eu me preparava com vontade para ser mais tarde um santo de faiança — preparava, como se diz, a vida futura.

Uma noite tive um sonho, o qual denominei-o sonho revelador.

Sonhei que era um monge, de longas barbas brancas e estava paramentado de branco. Adorava o meu Cristo de faiança que, naquele momento, estava num altar de nuvens brancas e azuladas. Alguns serafins e anjos, também de faiança, borboleteavam em tórno do meu Cristo.

Essa feliz fantasia foi, aos poucos desaparecendo, dando lugar a nuvens negras, que me envolviam e ao meu Cristo de faiança. Em breve estávamos nas trevas.

Cheio de pavor apelei ao meu Cristo de faiança que me levasse daqueles sítios fantasmagóricos.

Mal havia eu feito êste pedido, com insistência, o meu Cristo de faiança caiu quebrando-se aos pedaços. Diante de tal espetáculo, e completamente desolado, chorei amargamente.

Mas logo, com espanto, vi que às minhas lágrimas, à semelhança de raios, iam desfazendo as densas trevas. Desta vez, uma luz mui viva, iluminou magicamente aquêlê recinto, e vislumbrei que algo de importante ia se manifestar. Senti calafrios de satisfação correrem-me pelas veias; mas o meu Cristo de faiança não me saía do pensamento. De momento, não sei como, vi o Cristo, em meio àquêlê esplendor, e exclamei cheio de alegria:

— Oh, meu Cristo de faiança!...

Mas êle, desta feita estava tão diferente, a começar pela altura.

Então fiquei duvidando se era ou não o meu Cristo de faiança, e indaguei:

— Porventura, não és tu o meu Cristo?

— Sim, sou eu mesmo. Porém, o teu Cristo verdadeiro não é de faiança. Eu sou o Cristo vivo!

— Foi aí que percebi que se tratava do Cristo em espírito — do Cristo que não quebra e nem perece.

Neste ponto terminou o sonho.

Acordei...

Os primeiros raios do sol já invadiam meu aposento.

Olhei para o meu oratório e não vi o meu Cristo de faiança envôlto em lantejoulas e flôres de laranjeiras...


Levei os olhos ao chão. Pasmei... O meu Cristo de faiança estava quebrado tal e qual eu o vira em sonho.

Era a confirmação do sonho revelador.

Depois disso não mais procurei outro Cristo, a não ser o que vi em sonho, em cujo altar — que é o céu — faço as minhas orações.


Adeus, meu Cristo de faiança!...

27 de Abril de 1929.



## Parabens! Juca, e até logo!

Ismael Gomes Braga



**T**EU sonho revelador poderia ser de muitos de nós. Tu te vias como um frade de longas barbas brancas, paramentado de branco. Eras o pregador de Evangelho, mas eras mais do que os teus pobres irmãos anônimos e sofredores num mundo de expiações e de provas. Eras o iniciado, o celebrante, o alvo de todos os olhares e admiração de todos, muito diferente, muito maior do que os outros. Tu mesmo te sentias superior; eras mediador entre os homens e Deus, não simplesmente um pecador como os outros.

Convinha despir tôdas as distinções e fantasias e aparecer desconhecido e ignorado na massa anônima e sofredora, para poderes avaliar se tu mesmo, em tua própria essência, eras um sacerdote, um servo do Senhor, um divulgador da Boa Nova entre os aflitos do mundo. Solicitaste essa prova interessante e decisiva e no dia 17 de Dezembro de 1896 iniciaste a tarefa. Eis-te fora do teu antigo Mosteiro; menino pobre e simples, tentando descobrir uma profissão humilde e útil. Eis-te vendendo verduras, queijo, farinha, compadecido dos pobres que não podiam comprar...

Depois eras aprendiz de tipógrafo, simples compositor, dando forma a pensamentos alheios nem sempre elevados. Como era diferente o teu caminho em comparação com o passado! Quem nos poderia dizer que estavas no «seminário» de novo? Finalmente encontras, sem saber como nem porque, o tipo de imprensa que te era destinado — a imprensa evangélica. Já estavas no «seminário» maior e não o sabias. A pouco e pouco

foram-te aparecendo os novos deveres. Em 1929, quando atingiste a idade do Salvador, recebeste «ordens» maiores e estreaste na tribuna sacra com o teu «Cristo de Faiança». Já te tornavas «coadjutor» de Cairbar Schutel, a quem oito anos mais tarde deverias substituir com tôda a responsabilidade. Eras o substituto legítimo do grande pregador e por vinte anos ininterruptos cumpriste humildemente a missão de levar a palavra da Boa Nova a todos os rincões de nossa terra.

Está feita a grande prova: não é o hábito que faz o monge. Mesmo sem o hábito o monge cumpriu fielmente sua missão entre os homens, e com o hábito tantas vêzes o homem velho sufoca o monge.

Como tu, Juca, muitos de nós estão tentando a mesma prova. Já fomos mais de uma vez sacerdotes, antes e depois do Divino Mestre, e tivemos autoridade humana para ensinar; aparecemos paramentados diante do povo; fomos tomados por santos e mediadores; mas a nossa consciência não ficou satisfeita com a nossa vaidade, e a Misericórdia nos concedeu nova oportunidade...

Eis-nos espalhados por tôda a parte, em modestas funções sociais, sem o antigo hábito que não conseguiu fazer o monge em outros tempos, mas com muitos hábitos velhos que nos arrastam para baixo! Poucos vencem integralmente como tu. Em muitos a vaidade antiga ainda predomina e os arrastamentos os desviam da rota; em outros a pouca fé conduz à ociosidade.

Uns nada produzem; outros dão apenas dez por cento das sementes re-

cebidas; não poucos enterram medrosamente o talento de seu Senhor, com receio de se comprometerem.

Tu pudeste restituir os cinco talentos com outros cinco de proveitos e serás investido em maiores bens do Senhor, para ajudares sempre mais.

Serás promovido a trabalhos mais altos, porque revelaste a humildade para

merecê-los. Rendamos contigo graças ao Senhor pela tua vitória e repitamos, quantas vêzes forem necessárias, as tentativas de nos tornarmos servos dignos do Senhor que pacientemente nos espera.

Brevemente nos reencontraremos para combinarmos novos planos e pedirmos novas tarefas.

Parabens! Juca, e até logo!

# Considerações Biofísicas

G. M. Minardi — da API

**P**ARA o homem, o mundo não é um fim mas sim um meio. O mundo biológico é todo um único edifício de maravilhosa arquitetura. Sabe-se que os elementos organogenos da vida são o hidrogênio, o carbono, o azôto e o oxigênio. Sabemos também que a maravilhosa máquina de construção destes quatro elementos é o reino vegetal; êste executa um perfeito trabalho separador do oxigênio e do carbono; de fato na molécula de anidrido carbônico (composta de um átomo de carbono e dois de oxigênio) a planta liberta, na atmosfera, o oxigênio assimilando o carbono; assim como na molécula de água (composta de dois átomos de hidrogênio combinados com um átomo de oxigênio) também liberta, na atmosfera, o oxigênio, assimilando o hidrogênio. Enquanto a planta constrói os elementos orgânicos, transformando a matéria inerte em matéria viva, pelo maravilhoso quimismo das folhas verdes com o auxílio da inexgotável e potente fonte solar que enriquece constantemente o patrimônio COLETIVO, o animal consome. A planta assim forma a matéria orgônica; o animal, por processo de lenta combustão, a destrói restituindo o material nas suas primitivas condições. Os processo de síntese e de decomposição equilibram-se assim harmônicamente em um ciclo evolutivo que infelizmente ainda foge das capacidades compreensivas humanas.

Olhando a vida animal nós acharemos o processo inverso ao da planta, enquanto o primeiro com a respiração combina o oxigênio com o carbono e água;

nestas funções invertidas evidentemente mantem-se o equilíbrio dos elementos vitais, garantindo assim a vida indefinidamente na Terra aos dois reinos: vegetal e animal. Sem êste equilíbrio, sem a obra construtiva das plantas, a vida do animal superior não poderia ter subsistido, reino animal e reino vegetal compensam-se executando de modo inverso a própria respiração. No quimismo vital nós observamos que tudo o que nasce morre, e tudo o que morre «renasce»; segundo o iluminado cientista Lavoisier: nada se cria, nada se destrói, mas tudo se transforma, na incessante harmonia da evolução universal. A Evolução é uma fôrça instantânea; está na Natureza do dinamismo dêsse princípio animador: aspirar sempre a novas expressões e mais elevadas realizações.

Podemos assim constatar que a energia solar, assimilada e transformada pelas plantas nas suas maravilhosas sínteses clorofilianas, torna-se, no reino animal, elemento energético, plástico, oligodinâmico e psíquico através do complexo sistema nervoso, conquanto que das primeiras unidades protoplasmáticas para cima — filhas do «raio globular» — protoplasma e célula possuem sensibilidade e capacidade de registrar impressões, dada a íntima estrutura do recâmbio químico. O círculo da energia, através dos contínuos escâmbios dos materiais orgânicos, desde a matéria solar e suas radiações, até o reino vegetal «plasmódoma», que assimila o carbono, ao animal «plasmófago», até ao quimismo do homem.

Estas observações do Divino equilíbrio universal dos elementos vitais leva a nossa atenção à função biológica do pato-

lógico. De fato observamos que o estado orgânico perfeito de qualquer ser é uma verdadeira quimera, não existindo em verdade na natureza um tipo orgânico perfeito, cada um é um tipo próprio, com uma verdade orgânica tãda própria enquanto sabe lutar e vencer. Na natureza a perfeição não existe e por consequência a saúde é um estado a ser conquistado a todo momento, um equilíbrio a ser mantido tão somente à custa de um trabalho contínuo. O patológico acabou assim por se equilibrar como um fato mais ou menos constante na normalidade do mundo orgânico, que não se destrói por isso; que traz consigo uma força no seu equilíbrio, força esta negativa, mas que não deixa por isto de ser uma força operante no âmbito vital.

A natureza, na sua grande sabedoria operante, sente o ponto ameaçado e o cerca, reforçando-o com todos os seus recursos. Todos os assaltos patogênicos superados produzem em verdade, com a consequente reação, qualidades específicas de «resistência», quer dizer em outras palavras, que a doença tendo função imunizadora criando, por contraste e compensação, o hábito da vitória, com a consequente «auto eliminação» ou «auto imunização» do patológico, vira-se, por quanto pareça um absurdo, condição de saúde, enquanto excita o despertar de tôdas as reservas de resistência do organismo potenciando-o e no mesmo tempo vivificando-o.

---

## Câtedras de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina

---

Ante-projeto enviado ao Deputado Campos Vergal pelo Presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro —  
Exemplo das Universidades européias e norte-americanas

A idéia da introdução do estudo da metapsíquica ou da parapsicologia em nossos cursos superiores partiu de São Paulo, e pouco a pouco vai ganhando terreno e se corporificando. Foi o prof. Mário Ferreira, o conhecido autor de «Nas Veredas da Paz», ao que nos consta, o primeiro a se interessar pelo assunto, mobilizando os espíritas paulistas no sentido de enviarem uma sugestão à Camara dos Deputados. A sugestão foi enviada, com numerosas assinaturas, ao Deputado Campos Vergal, que se interessou pelo assunto e procurou ouvir pessoalmente vários entendidos, nesta capital e no Rio. Depois, verificou-se uma espécie de hiato, nêsse movimento. Até que, agora, o assunto volta à baila, e de maneira altamente auspiciosa.

A sugestão dos espíritas paulistas encontrou forte ressonância na Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, organização que, como o indica o seu próprio nome, destina-se ao estudo dos problemas médicos à luz dos princípios espíritas. O presidente dessa entidade, sr. Milton de Andrade, acaba de enviar ao Deputado Campos Vergal um ante-projeto de lei, criando a cadei-

ra de parapsicologia no quarto e quinto anos do curso de medicina, em vista das conexões da matéria com a psiquiatria, e da inegável propagação que a mesma vem tendo no mundo, graças aos trabalhos do prof. Rhine, na Duke University, Estados Unidos.

Face à importância do assunto, tomamos a liberdade de transcrever um trecho da carta que o professor Milton de Andrade enviou ao sr. Antenor Ramos, e que é o seguinte: «Devo esclarecer que adotei a denominação Parapsicologia porque é a mais aceita, e hoje a mais vulgarizada nos meios científicos; que na própria França, berço da Metapsíquica, reúne maiores preferências da Sorbone, segundo declarou à imprensa brasileira o urologista francês Henri Darget, que esteve no Brasil não há muito tempo, fazendo conferências». A seguir esclarece o missivista que o curso proposto no seu ante-projeto é de dois anos, e inclui, sob a denominação geral de Parapsicologia, elementos da Ciência Psíquica inglêsa, da Metapsíquica franco-italiana e da Parapsicologia germano-americana. Justificando essa fusão, diz o missivista que a fez sob a denominação

única de Parapsicologia: «por ser mais racional, e por estar o líder e vulgarizador máximo da Parapsicologia, prof. Joseph Banks Rhine, da «Duke University», dos Estados Unidos, invadindo todos os domínios da fenomenologia paranormal, com suas investigações e seus estudos».

Como se vê, a idéia nascida em São Paulo e transformada numa sugestão dos espíritas paulistas ao Deputado Campos Vergal, vai aos poucos se corporificando, e não está longe o dia em que será uma das mais belas realidades. Na Europa e na América do Norte, diversas universidades já criaram cátedras de parapsicologia, e ainda há pouco se verificou o mesmo na Argentina. Por outro lado, os trabalhos do prof. Rhine, rigorosamente científicos, se impuseram de tal maneira nos últimos anos, o mesmo acontecendo com os trabalhos do prof. Bjorkhem, da Universidade de Upsala, na Suécia, e os do prof. Price, da Universidade de Oxford, na Inglaterra, que o estudo da parapsicologia vai se tornando indispensável nos meios universitários de todo o mundo. O Brasil, país em que os princípios espíritas encontram a mais ampla acolhida, em tôdas as camadas sociais, não pode retardar por mais tempo a inclusão dos es-

tudos parapsicológicos em seus cursos superiores, mórmente os de medicina.

Perguntarão alguns leitores por que motivo se trata da inclusão de estudos de Parapsicologia, e não de Espiritismo. Porque o Espiritismo é uma doutrina ampla, e não pròpriamente uma disciplina científica. É uma doutrina de três aspectos, englobando na sua estrutura geral a ciência, a filosofia e a religião. A Parapsicologia, como a Meta-psíquica, são disciplinas científicas que tratam dos fenômenos espíritas, estudando-os de um ponto de vista especial e mais restrito. No seu início, a Parapsicologia tratou muito cautelosamente do assunto, evitando penetrar a fundo na fenomenologia espírita. Hoje, porém, como bem acentuou o prof. Milton de Andrade, o prof. Rhine está «invadindo todos os domínios da fenomenologia paranormal», ou seja, penetrando corajosamente nos setores até agora proibidos à ciência, por haver reconhecido o princípio espírita de que tôdas as leis da fenomenologia mediúnica podem ser investigadas de maneira científica.

Irmão Saulo.

(Crônica publicada no «Diário de S. Paulo» de 16/3/58).

x x

# A Hiperconsciência

Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.

S. João 8 — 32.

Que é o instinto, senão o que se estabilizou, pela repetição, em automatismo quase cego? Mas porque quase cego, e não cego? Porque se bem o raciocínio não interfira no processo mecânico do instinto, todavia êle interveio na sua formação, e intervém sempre que haja pequena variação, entre o que se sabe e o que se tem a fazer. Instinto é hábito inato. É todo o hábito que, de tão repetido, enraizou-se no espírito, acompanhando-o em tôdas as existências. Uma bailarina só o é, de fato, quando não pensa nos passos que há-de dar; assim será o musicista; assim, o datilógrafo. Mas como? Se o

homem pensa para formá-lo em automatismo, o animal não pensa! Se o animal não pensa, o instinto não é hábito cultivado, ou automatismo feito pelo repetir. Digo que o animal pensa rudimentarmente, e hei-de prová-lo; esta será uma das dificuldades das que hoje examinarei.

Que é o pensar, senão o medir o que se acha fora de nós? Pensar é avaliar, ponderar, medir! e quem avalia, pondera, mede, poderá fazê-lo sem número, pêso, medida? Logo, a consciência é número, pêso, medida, com que se há-de avaliar o que está fora, com o que está dentro.

Mas como surge a consciência? Surge do mesmo modo por que cresce ela! Ela cresce avaliando o que está fora com o que está dentro, e incorporando tudo como patrimônio seu; mas o animal não tem nada dentro, isto é, não tem ainda consciência, logo, como há de crescer se não tem nada dentro para comparar, com o que está fora? Nêste ponto a consciência nasce.

Quando o ser nada tem dentro de si para comparar com o que lhe vem de fora, faz êle o que faz o homem em face de um problema inteiramente novo; age por tentativas, e chama-se êste método, o dos ensaios-e-êrros. Tentando, loucamente, faz o ser o que já há feito antes, e isto aquí já é conhecimento. Tentando de mil modos descobre a solução, e tôda a vez que um problema semelhante surja, o meio que o levou à solução será aplicado; logo, se será aplicado o meio, é que êste está guardado no íntimo do ser: eis aí já a consciência. Assim se vão sucedendo as experiências, e o ser enriquecendo-se com os resultados. Agir por tentativas, pois, é já pensar rudimentarmente. Aquí está como o animal raciocina rudimentarmente ao resolver o seu problema, qual seja, por exemplo, o de escapar duma gaiola.

Agora direi que raciocinar é empregar o método dos ensaios-e-êrros, tal qual faz o animal, porém interiormente, na consciência. Quem raciocina está experimentando, medindo o que desconhece com o conhecido que está dentro. Esta experimentação é interior, e diz-se, por isso, abstrata. O homem gasta tempo nêste processo puramente abstrato, que no animal seria concreto e feito de movimentos. Às vezes tem o homem que concretizar seu pensamento com esquemas, com objetos, com gestos, com números, para auxiliá-lo a formar-se. Raciocinar é, pois, empregar o método dos ensaios-e-êrros, abstratamente, na consciência. Quanto mais atrasado é o homem, e mais desconhecido o que êle estuda, mais dificuldade tem em pensar, e mais necessidade tem de concretizar o pensamento. Chegando à solução se vai, então, à prática, à experiência; falhando ela, há que se refazer tudo de novo, levando-se em conta o fracasso, que também é experiência útil.

Êste raciocínio moroso, tardo, difícilimo, eivado de referências materiais, que se verifica no homem intelectualmen-

te inferior, vai se tornando acelerado, rápido, no homem evoluído, ainda que, no tempo que se o estude, não tenha êle cursado escola. O raciocínio, com o passar dos séculos, se vai tornando cada vez mais abstrato e mais veloz. Como todo o ato pela repetição tende a estabilizar-se em automatismo, o raciocínio, sendo um ato da consciência, pela repetição, tende por sua vez a estabilizar-se em instinto. Torna-se, no homem, mecânico, o raciocinar; o julgamento se torna maquinal; o homem raciocina inconscientemente, isto é, sem se aperceber de como o faz, e sem esforço algum; a visão se lhe torna cada vez mais clara, mais nítida, a onda menos tarda, o pensamento menos muscular, menos material, e antes mais abstrato, mais espiritual, mais veloz portanto. Eis como a consciência, com ser dimensão planimétrica, se multiplica pela linha do instinto, para que surja o volume da hiperconsciência, cuja unidade de medida não mais é o raciocínio, mas, a intuição. Intuição é o saber por instinto, preciso, imediato, como o é êste.

Quando o pensamento, pela sua abstração, perde o contato com as formas concretas ou imagens materiais, a velocidade do processo se torna infinita; o raciocínio (que é cadeia de idéias afins) torna-se infinito e intuitivo. Intuição, pois, não é suposição ou palpite, como muitos errôneamente pensam, senão, visão clara, abstrata, instantânea do caminho exato. O intuitivo não tem consciência do seu processo racional, mas, êle é racional, tanto como o homem comum, porém seu raciocínio é elevado ao infinito, e o tempo das operações reduzido a zero; desaparece aquí o tempo, cumprindo-se a profecia apocalíptica (\*). Quereis ver o intuitivo? Vede o que é perspicaz, agudo, penetrante, profundo, instantâneo, o que sabe sem aprender, o que vê sem provas, o que entende sem raciocinar (do modo comum), êsse, o intuitivo.

Intuição é estado agudo de consciência, e não se vê no bronco, no tacanho, e sim no gênio, ou no homem que dêste se aproxima. Por causa desta enormíssima capacidade de visão, o intuitivo vai às generalizações, às sínteses cada vez maiores, chegando a ter certeza absoluta

(\*) Apoc. 10-6.

do que nem pode explicar, por não haver palavras; chega à religião, não cultivada, mas, religião natural, espontânea, entendida e sobretudo sentida; chega a Deus. Sente êle, vibra, palpita, num mundo de outra dimensão além da consciência, e aos racionais não se pode fazer entender; as suas razões não as alcança a mediocridade, e êle vive só, no meio da multidão, isolado, nos seus vastíssimos domínios; o homem comum o não entende, pela mesma razão por que o burro não pode saber no que pensa sua carga humana; proximidade evolutiva, e não es-

pacial, é a que garante a compreensão. É por causa disto que o caminho do gênio há-de ser de incompreensões, de violências, de persèguições e de martírios. No entanto êle é o que conhece a Verdade e esta o libertou para sempre; êle, com haver chegado à síntese suprema, tem a visão do Absoluto, impossível é abalar-lhe a fé; fala êle a linguagem do infinito e das estrêlas; palpita no seu peito, qual incêndio, a grande paixão do Belo, do Bem e da Verdade, que tudo é Deus.

Luiz Caramaschi.

# Ramatís e a Ciência

IV

Conforme já declaramos de início, em que no decorrer da nossa série de trabalhos, sôbre Ramatis, haveria questões que não fugiriam de algumas complexidades, apresentamos hoje um desses assuntos, onde a linguagem simplificada não poderá ir além de certos limites explanatórios. Contudo, procuraremos deixar a verdade clara e destacável, para que os leitores não afeitos a essa matéria possam também obter os esclarecimentos necessários, para poderem avaliar o lado pendente do fiel da razão.

Começemos com uma das mensagens do opúsculo «Conexão de Profecias e o Sol», onde Ramatis, como sempre, procura firmar sua pseudociência em analogias aparentemente lógicas, mas que na realidade não se ajustam aos fatos.

Vejamos em determinado tópico o argumento de que a temperatura do Sol, de 6.000 graus na superfície, decresce da periferia para o centro, mantendo-se relativamente fria no núcleo do astro. Assim, na página 19, do referido opúsculo, lê-se o seguinte:—«Da mesma forma em que a modesta chama de uma vela de sebo é mais quente na periferia, do que no centro, também êsse princípio IMUTÁVEL disciplina na coroa do Sol».

Sim; mas note o leitor que êsse princípio é imutável apenas para os casos em que as combustões se efetuam na zona de contato entre o combustível

e o comburente, cujas chamas produzem calor decrescente da periferia para o centro. A esta reação, que forma a classe das chamas «ôcas», compreende-se as da vela, lampeões de querosene, e as outras combustões vulgares desta mesma natureza.

Mas é preciso compreendermos que qualquer outra chama que não seja dessa reação, a ôca, não se disciplina sob essa lei de calor decrescente de fora para dentro.

Agora, o leitor estará nos perguntando: Mas as chamas do Sol são ôcas, idênticas às nossas combustões comuns, como as das velas para que o seu calor seja decrescente, da periferia para o centro?

A esta pergunta a própria entidade encarregou-se de responder, negativamente, mais adiante, em outro tópico dessa mesma mensagem, desmentindo o seu próprio argumento anterior, da analogia da vela. Assim, agora em sentido contrário, a entidade reconhece que o Sol não arde sob a mesma lei da chama da vela, ao declarar o seguinte:—«Acresce que não se trata de globo em ignição, consumindo-se em chamas devoradoras, mas um astro exsudando um potencial de energias libertas pelas transmutações químicas incessantes que se alteram em equações.

Ora, como então Ramatis antes ousou afirmar que o calor da periferia solar obedece a mesma lei que disciplina

a chama da vela, se logo a seguir êle mesmo reconhece que ambas as combustões (do Sol e da vela) são de naturezas diferentes? Se as combustões do Sol não ardem como as chamas ôcas, qual então a lei que disciplina êsse pretensão calor decrescente?

Se na verdade o calor solar diminuisse da periferia para o centro, o astro estaria ardendo nas mesmas condições das nossas combustões vulgares, e já de há muito tempo estaria extinto. É interessante que enquanto Ramatis concorda que o Sol não se queima como as nossas combustões ordinárias, êle inexplicavelmente comete a incoerência em afirmar o decrescimento interno da temperatura do astro.

Pelo que se vê, na situação em que o autor comunicante se coloca nas suas analogias, acreditamos que ninguém será capaz de tirá-lo dêsse labirinto de contradições e confusões gerado nas suas próprias mensagens, pretensamente científicas.

Mas deixemos essa parte de analogias e continuemos no mesmo assunto, mas de outra forma, penetrando no âmago da questão, para anular de uma vez êsse seu conceito de calor decrescente do Sol.

Para atenuarmos a complexidade desta outra parte, que não é de conhecimento vulgarizado, vamos iniciar recordando algo de alguns séculos passados para favorecermos o entendimento geral.

Hoje, quase ninguém desconhece que as radiações do Sol constituem uma mistura de côres fundamentais, denominada luz branca. Mas se fizermos um raio solar passar por uma fenda em um quarto obscurecido, e interpormos um prisma, veremos essa luz se decompor em uma bela faixa de côres, que se denomina espectro da luz branca, lembrando o arco-íris. Esta experimentação foi pela primeira vez anunciada por Isaac Newton, em 1678.

Bem mais tarde, em 1815, o sábio alemão, Joseph Fraunhofer, procurando analisar essa faixa colorida, colocou por detrás de um prisma um pequeno instrumento ótico, procurando melhor observar. Assim, obteve uma imagem mais nítida do espectro solar, e notou, naquela mescla de côres, numerosas riscas escuras, catalogando-as em número de 576.

Estas riscas tornaram-se conhecidas como «Linhas de Fraunhofer».

Mas êsse fenômeno por quase meio século permaneceu em mistério, pois nada se sabia sobre qual a causa de sua presença no espectro da luz solar.

Afinal, em 1859, dois físicos alemães, Roberto Bunsem e Gustavo Kirchhoff, realizando pesquisas de laboratório sobre radiações luminosas, utilizando o famoso espectroscópio (instrumento de análise da luz), revelaram que conforme seja a natureza da fonte irradiante, a luz branca pode dar espectros diferentes que são os de emissão e absorção.

A luz dos espectros de emissão pode provir de sólidos ou líquidos incandescentes, ou mesmo de gases sob alta pressão, obtendo-se uma série de bandas coloridas, dando origem ao que se chama um espectro contínuo. Os gases incandescentes, ou sob fraca pressão, também dão espectros de emissão, mas diferentes do primeiro, sendo descontínuos, apresentando raias brilhantes.

Mas os dois sábios, perseverantes nas suas análises, experimentaram colocar um balão de vidro, contendo um gás qualquer, servindo de meio intercalar entre uma fonte de luz de espectro contínuo e o espectroscópio. Nesta experiência foram surpreendidos com um espectro diferente dos de emissão, ou seja, obteve-se o de absorção, semelhante o da luz solar, com as célebres raias negras de Fraunhofer.

Note o leitor que os espectros de absorção só aparecem nas análises quando a luz, irradiada por sólidos ou líquidos incandescentes, ou gases sob alta pressão, atravessa camadas de gases relativamente mais resfriadas. Mas se a radiação não é interceptada por gases naquelas condições, então o espectro será de emissão, o que quer dizer, não apresenta as raias de Fraunhofer. Este fato experimental foi descoberto e comprovado nas pesquisas de laboratório por aquêles dois físicos.

Para clareza repetimos: Se examinarmos o espectro de qualquer fonte emitente de luz, cujos raios não atravessarem camadas de gases relativamente resfriados, o espectro que se obtém não é de absorção, isto é, não contém as conhecidas raias negras de Fraunhofer.

Ora, desde que a luz do Sol apresenta essas raias negras, fica compreen-



dido que ela se origina do interior do astro. É assim que essas radiações, ao atravessarem as camadas gasosas exteriores solares, elas são ali absorvidas por êstes gases relativamente resfriados (6000 graus), os quais as substituem pelas suas próprias radiações, prosseguindo na trajetória, mas agora marcadas com riscas negras, caracterizando a individualidade dos elementos ali existentes, cuja identidade é inconfundivelmente revelada nos nossos exames de espectroscopia. Foi assim que entre os átomos, da tabela de classificação de Mendeleeff, encontrados no Sol, há alguns (Hélio, Rubidio etc.) que só mais tarde foram descobertos aqui no planêta Terra. Como se vê, essas raias hoje conhecidas aos milhares revelam de forma incontestável, a verdadeira natureza irradiante do nosso astro do dia.

E agora pergunta-se: Se a luz do Sol, segundo Ramatis, provém do exterior do astro, não sendo absorvida pela interceptação de camadas de gases mais frios, como então se explica a presença das linhas negras de Fraunhofer no espectro solar?

Cabe aos advogados da entidade resolverem mais êsse enigma ramatisiano.

Na realidade, o conceito da entidade, de que a temperatura solar prevalece na periferia do astro, não encontra apôio nas provas de laboratório pela análise da luz. E se surgir opositores para contestar nossa exposição, pedimos que apresentem provas contrárias, com clareza dentro da ciência, que aceitaremos os debates, desenvolvendo o assunto.

E ainda precisamos compreender que a energia do Sol, sendo de natureza nuclear (Ramatis não nega esta verdade, conforme êle mesmo declara na página 18, do mesmo opúsculo, ao citar o ciclo do carbono), estas reações só se efetuam em ritmo contínuo nas tempera-

turas de milhões de graus, e sob alta pressão das camadas exteriores. Na periferia do astro, com apenas 6.000 graus e sem pressão, esta condição não oferece ambiente para reações atômicas de natureza estelar. Se com esta temperatura da atmosfera do Sol fôsse possível obter-se essas reações nucleares, os nossos cientistas já teriam há tempos domesticado êsse tremendo potencial para uso pacífico, visto que aqui nada mais se faz nesse campo a não ser aquilo que apreendemos com a natureza do Sol, ou seja, dos astros incandescentes.

Finalmente, como se vê, é arbitrária essa questão de núcleo do Sol resfriado e habitado por seres viventes, cujo conceito revela-se insustentável, quando submetido sob a luz da razão.

Ramatis, conforme já dissemos, apesar de seus meritórios propósitos em favor da espiritualidade, infelizmente ainda faltam-lhe conhecimentos, especialmente no campo da ciência, para credenciar-se como parte integrante da pureza doutrinária do kardecismo.

E aqui terminamos mais essa parte, mas ainda voltaremos em um último trabalho, para encerrarmos essa nossa tarefa de esclarecimentos sobre a causa ramatisiana.

V. O. Casella.

Caixa Postal 153 — Araraquara  
Est. de S. Paulo

*N. do A. — Embora tudo fizessemos para simplificar o assunto, lamentamos que o mesmo não se apresente acessível como desejávamos, devido a complexidade da matéria. Contudo, os que conhecem êsses estudos compreendem que o argumento esmaga por completo o conceito da entidade, sobre o calor decrescente no interior do Sol.*

XX

«Amar a si próprio é renunciar. Amar ao próximo é servir sem ser servido...»

«O perdão é o mel extraído do favo do amor...»

«Não basta oferecer a paz, é necessário tê-la...»

«O jardim sómente é florido quando bem adubado...»

«O Mèdium é o ponto de apôio, a Mediunidade a alavanca e o Espiritismo a força de aplicação...»

«Renunciar é tirar espinhos sem se ferir...»

ALEX.

# Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

28 — Providenciado o enterramento do meu pai (em bonde funerário da *Circular*, a que compareceu muita gente, pois sempre tivemos, mercê de Deus, muitos amigos), em cova rasa, no cemitério das *Quintas*, tratei de tirar mamãe da casa, por algum tempo. Medrosa como era, tendo tratado do velho, sem se afastar dele um segundo, devia, (cuidava eu), estar impressionadíssima.

29 — Aluguei uma casinha na ilha de Madre de Deus e para lá fui com mamãe, irmã, prima, empregadinha e uma parenta da noiva de João, menina da idade de minha irmã. João ia passar conosco a tarde dos sábados, os domingos, regressando para a cidade, na manhã de segunda-feira. Na maioria dos sábados, levava a noiva e a cunhada.

30 — Outros amigos meus também iam com João, alternadamente, de modo que passávamos as tardes de sábados e os domingos, alegremente: modinhas, poesias, anedotas sãs, banhos de mar na maravilhosa praia do Soape, passeios de barco, etc. Minha mãe fazia quitutes gostosíssimos e acordávamos e deitávamos sempre, a rir e brincar.

31 — Foi aí que eu conheci Anísio Almeida. Fizemos ótima e sincera camaradagem, pois êle passava os dias inteiros em nossa casa, só indo à sua para dormir.

32 — Era um rapaz alegre, boa voz, boa vocação para música. Tocava bandomolim e eu arranhava o violão. As serestas, os passeios de canoa, as sextas na praia, eram diárias.

33 — Conheci, por seu intermédio, sua família, estando, apenas, duas vezes somente, em sua casa.

34 — Gostei imenso de tôda sua gente, menos de sua irmã professôra Marília. Achei a moça presunçosa, autoritária demais com os irmãos. Ela, por sua vez, achou o amigo do irmão emproado e bôbo, não simpatizando também comigo.

35 — Anísio gaguejava um pouco, mais do que eu. Perguntou-me um dia, a gaguejar: «Porque você não voltou mais à nossa casa?»

36 — Respondi-lhe: Não gostei de

sua irmã mais velha: tolinha, metida a séria e sisuda dona de casa. (Longe estava de supor que seria mais tarde minha espôsa).

37 — Vizinhos de Anísio, Aluísio Marques e espôsa, filho da ilha. Rapaz comerciante, velho conhecido meu. Hóspede de sua casa, uma doutora em direito, môça culta, palavrosa, romântica, e uma professôra, irmã de um aluno meu. Por causa das duas, voltei, várias vêzes, à casa do Aluísio, sem voltar à casa do Anísio.

38 — De volta à cidade, acabei com o meu coleginho. Dei seu material e sua placa ao Anísio, entreguei a direção da casa ao João, muni-me de cartas de representação e embarquei para o Rio, para resolver aqui, a minha definitiva posição financeira na Bahia.

39 — Controvérsias de minha vida: em mil novecentos e treze, embarquei para o Rio no firme propósito de aqui ficar e não fiquei... Em mil novecentos e vinte e um, vim para o Rio com o propósito de conseguir representações comerciais para a Bahia e voltar... Não voltei.

40 — Minha vida têm sido sempre assim: cheia de contrastes, de imprevistos, de choques, de lutas...

41 — Completando, com o dinheiro apurado no meu livro de versos «Idéias», declaradamente reincarnacionista, publicado pouco antes da morte do meu pai, as despesas da viagem, embarquei para o Rio.

42 — Devo muito ao Espiritismo:

Fui, desde pequenino, franco, áspero, explosivo, ríspido. Essas características o Espiritismo não conseguiu torcer, nem melhorar. Pequenino, até rapaz, confundia pessoas com idéias. Qualquer desentendimento, choque de opinião, era motivo para eu desfazer amizades. Foi o Espiritismo que me ensinou a distinguir os homens de suas opiniões; foi o Espiritismo que me ensinou a respeitar as idéias alheias e aos portadores das mesmas.

43 — Nunca fui homem de subserviências, bajulações, hipocrisias, máscaras,

diplomacias. Rigorosíssimo, sempre, em materia de moral.

44 — Por tudo, é fácil compreender como me foi difícil, na vida, conservar amizades, no mesmo diapásão, do princípio até o fim. Dentro do meu critério «pão-pão; queijo, queijo», desagradei, sempre, muito mais do que agradei. Muitas pessoas que não concordavam com o meu modo franco de pensar e agir, fugiram de mim... Muitas decepções sofri... Muitos, porém, — e quantos, mercê de Deus! — ficaram até o fim.

45 — Autoritário e voluntarioso, em demasia, a fôrça de vontade que me fez vencer na vida, também, desde criança, se fez sentir. Quando menino, comi, certa feita, peixe, e uma espinha me atravessou a garganta. Deixei de comer peixe. Outra vez, entalei-me com um carôço de fruta de conde. Rompi com a fruta. Azeite doce, um dia, fez-me mal. Abandonei o azeite. Só homem feito, fiz as pazes com os três, quando o bom-senso mo aconselhou. Calcule-se por tudo isso, o que seria de mim se não houvesse conhecido a terceira revelação...

46 — O espírito de iniciativa se fez igualmente sentir muito cedo. Em todos os meus brinquedos infantís, era, sempre, o chefe, o promovedor de tôdas as brincadeiras; se era organizado um batalhão, o general era eu; se brincava de índios, eu era o comandante da tribu; se imitávamos um circo, era o empresário.

47 — Jamais me conformei com «sombra e água fresca». Fui campeão de mergulho, natação, pecúla, corrida. Em tudo que competia, com a criançada, não queria, de modo algum, levar a pior. Foi esta ânsia de progresso em tudo, que me conduziu até onde cheguei.

48 — Minha segunda vinda ao Rio visava, pois, garantir meu futuro na Bahia. Desanimado com o fracasso de todos os meus empreendimentos até então, a representação que eu procurava na capital do país, era a minha grande esperança. Até aquêle momento, tinha vivido sem profissão a que me identificasse inteiramente, sentindo-me completamente dentro dela. Achava-me enjoado de ensinar,

farto de aturar meninos. Meu único desejo era assegurar, com as cartas de representação que vinha buscar no Rio, minha definitiva posição no comércio baiano.

49 — A última noite que dormi em Salvador, tive um sonho altamente significativo: vi-me num grande colégio, no Rio de Janeiro; os alunos formavam em ângulo e eu os dirigia. Chegou-se perto de mim um senhor idoso, simpático, naturalmente o dono do colégio. Deu-me ordens. Despertei neste momento. Conteí, na despedida, o sonho a um amigo que me disse: «Quem sabe se você não vai continuar professor, no Rio de Janeiro?»

Vade retro com o seu agouro, respondi-lhe.

50 — Estava, porém, escrito, que eu seria professor, mestre-escola, educador. Como poderia imaginar que haveria de me sentir, na cidade maravilhosa, completamente à vontade, dentro do magistério... Que nunca mais trocaria, por nada dêste mundo, a glória de ser professor, mestre-escola, educador. E ensinando, pretendo terminar meus dias, se Deus o permitir.

51 — O malfadado infarto do miocárdio que me roubou, em mil novecentos e cinquenta e um, às aulas do Colégio Leopoldo, estabelecimento de minha propriedade e direção, não me retiraria do magistério, pois continuo até o momento que escrevo estas coisas, ensinando minhas filhinhas do Lar de Jesus.

\* \* \*

*Nota da Irmã*—Realmente, Deus fez a vontade ao grande batalhador. Ensinou até os últimos instantes de sua vida. Seu último dia na Terra foi de trabalho dedicado ao Lar, às suas filhinhas. Embora alquebrado e doente, não parou, senão três horas antes de sua morte, quando a dispnea o deitou. Até às sete horas da noite, ordenou, andou, ensinou, exemplificou. Três horas e vinte minutos depois, retornava o Gigante à Pátria Espiritual, deixando para todos os parentes e amigos, para suas filhinhas do Lar de Jesus, um raro e bellissimo exemplo de trabalho, fôrça de vontade, persistência, abnegação e honradez. — L. M. B. B.

«O julgamento deverá ser feito pela própria consciência do julgador...»

«Quanto mais raro e precioso, mais perseguido...»

«Lutar pelo bem, é vencer para a glória...»

ALEX.

# LIVROS NOVOS

ITALO FERREIRA

O aparecimento de livros novos, cresce todos os dias, na proporção de uma publicação útil ou apreciável para uma dúzia de tomos inúteis e prejudiciais. Essa calamidade, já invadiu também a seara espírita.

Nota-se, sobretudo, a mania da imitação. A literatura original de Fernando de Lacerda e Francisco Cândido Xavier, vai sofrendo imitações lamentáveis, de *mensagens* indigestas, confusionistas, antiespíritas até, lançadas sob títulos sugestivos, embora sem valor doutrinário ou literário, ao menos. São páginas e páginas de imaginosas manifestações de além-túmulo, com revelações espantosas a respeito de tudo: a vida em outros planetas, historietas sobre existências passadas de certos enfêrmos, principalmente obsessados, e de obsessores; dramas da vida espiritual; e tantas outras coisas inacessíveis, com afirmativas audaciosas, sem nenhuma comprovação possí-

vel nem mesmo a identificação, pelo estilo, de tais *mensagens*, atribuídas a autores notáveis.

Estas considerações, ocorrem a propósito de duas brochuras que acabamos de ler, ambas lendárias, de resultados negativos para o Espiritismo, que somente se imporá à consciência humana pelas obras de lógica, que despertem a fé racionalizada, «capaz de encarar a razão face a face» como ensinou Allan Kardec, o qual acrescentou ainda a conveniência de se «rejeitar noventa e nove verdades para não aceitar uma mentira».

Respeitando a boa fé dos responsáveis por esses livrinhos, deixamos de citar nomes, atendo-nos, apenas, a observar que um deles, de propriedade de uma editora, estampa a fotografia e o nome do maior apóstolo do Espiritismo no Brasil, o que deverá provocar grande venda da edição, em cujo contexto, nada se encontra que justifique, co-

mo razoável, o uso do título, no frontespício deveras impressionante.

Vale como utilização do nome venerável e da figura extremamente simpática, que lhe enfeita a capa.

O outro librete, é uma coleção de *mensagens* mediúnicas, que não identificam os espíritos comunicantes, nem pela linguagem nem pelas idéias de alguns, pelo menos, nossos conhecidos.

Entretanto, a edição deste foi lançada para converter a renda em benefício de sede própria de um Centro Espírita, fruto, certamente, de uma boa intenção.

Mas, a continuar assim, com livros e livros, desorientados, cheios de contradições, sem firme diretriz doutrinária, o que será do movimento espírita e da respeitabilidade do Espiritismo?

Aonde irá parar a unidade de pensamento sobre os princípios básicos da Doutrina?

## ☀ A Futura Religião do Brasil ☀

Num modesto artiguete que publicamos numa revista do Japão, mencionamos o fato de ser o Budismo a quarta religião no Brasil, segundo o Recenseamento de 1950.

O primeiro lugar ocupava o Catolicismo Romano, o 2.º o Protestantismo, o 3.º o Espiritismo e o 4.º o Budismo. O Budismo é trazido para o Brasil pela colônia japonesa que tem de crescer sempre pela escassez de território nas ilhas nipônicas e excesso de terrenos a cultivar no Brasil.

Portanto, o Espiritismo e o Budismo terão de crescer sempre em nosso País: um pela crescente imigração japonesa, o outro pela divulgação normal presidida do Alto com fito à nossa missão histórica. Ambos são reencarnacionistas e baseiam a Justiça de Deus na Lei de Carma, ou causa e efeito, ensinando ambos a salvação universal através do progresso moral do Espírito humano.

Para as Igrejas cristãs ocidentais — católica e protestantes — o Espiritismo

é uma tremenda revolução, porque nega seus dogmas de penas eternas, encarnação única, perdição da maioria e salvação de uns poucos; mas para o Budismo não existe no Espiritismo essa dificuldade, porque ambos ensinam a mesma doutrina de salvação universal.

O budista que através de muitas encarnações habituou-se a crer que o homem é o artifice de seu próprio destino e terá fatalmente que ser salvo ainda que através de uma fieira imensa de encarnações dolorosas, não encontra no Espiritismo kardequiano nada oposto às suas convicções.

O crescimento da população brasileira pelos elementos budistas de nipônicos e seus descendentes, parece a preparação providencial de uma base para a futura religião do Brasil, religião totalmente reencarnacionista.

Depois de divulgado no Império do Sol Nascente o artiguete acima referido, com o título «*A quarta religião no Brasil*», um amigo muito culto nos escreveu de Kioto: «Infelizmente o Budismo no Japão é como o Catolicismo no Brasil: apenas tradição inoperante. O budista é tão indiferente por assuntos religiosos no Japão, como o católico no Brasil. Indispensável é conquistá-los todos para o Espiritismo, do qual eles têm muita necessidade».

Reconhecemos que isso é verdade. O povo japonês, como o brasileiro, só nas estatísticas aparece com a religião tradicional. Na vida são bons materialistas indiferentes; mas o Espiritismo despertará em seus espíritos muita coisa que se acha adormecida. Esta onda materialista do século tem de passar e talvez mais depressa do que se supõe.

Os fenômenos espíritas não deixarão o homem dormir durante séculos em sua indiferença animal; estamos sempre sendo despertados.

Se calcularmos no Brasil os espíritas, os budistas, os ocultistas e os teosofistas, isto é, os reencarnacionistas, já deveremos exceder a dois milhões de crentes na reencarnação e ocuparemos o segundo lugar na estatística religiosa do País. Ora, como os católicos em sua imensa maioria são indiferentes, apenas tradicionais, mas na verdade sem reli-

gião, o número de religiosos reencarnacionistas em nossa terra já é respeitavelmente grande.

Parece-nos, pois, fora de dúvida que num futuro relativamente próximo, «a maior nação católica do mundo» (\*), passará a ser a maior nação reencarnacionista do Ocidente. Só no Oriente há grandes nações reencarnacionistas.

Essa grande imigração japonêsa terá outras vantagens para o nosso futuro. O nível cultural e científico do povo japonês é muito alto, mais alto do que o de qualquer outro país do mundo, e nos ajudará a nos libertarmos de uma apavorante herança de analfabetismo que recebemos de Portugal e temos conservado tristemente através dos séculos. Nosso índice de analfabetos nos recenseamentos é vergonhoso e não menciona os semi-alfabetizados que formam grande número dos que declaram saber ler e escrever. Forte imigração de um povo de alto nível cultural e científico exercerá benéfica influência em nosso progresso geral, e nos parece fora de dúvida que continuará crescendo sempre a imigração nipônica para o Brasil, onde os japoneses encontram o espaço vital que lhes falta na pátria superpopulada.

Assim vai se formando o povo que terá no futuro a missão de restaurar o espiritualismo no mundo, repor o Evangelho nos corações, interpretado de acordo com a doutrina reencarnacionista.

A futura Religião do Brasil será reencarnacionista e baseada em fatos rigorosamente observados; não será uma fé nebulosa e inoperante, mas antes uma certeza científica dos deveres do homem para com Deus e os outros homens.

Ismael Gomes Braga.

(\*) Sua Santidade o Papa atual tem repetido, tomando por base as estatísticas, que «o Brasil é a maior nação católica do mundo». Agradecemos a boa intenção de S. S. que com essas palavras pretende nos elogiar, mas o índice apavorante de nossos analfabetos mostra que essas massas que se dizem católicas são incapazes de escolher uma religião e se dizem católicas sem conhecimento doutrinário algum.



# A Doutrina Espírita, Ensina a Verdade

Samuel Gomes da Costa



Doutrina Espírita tem por base um princípio que modifica radicalmente o sistema aceito pelas escolas espiritualistas: é o princípio da «pré-existência ou das vidas sucessivas».

A verdade dêsse postulado prova-se pelo raciocínio e pela experiência. A razão nos diz que, sendo o homem suscetível de perfeição ou de aperfeiçoamento, não pode seu maior progresso medir-se pelo que adquire na terra; que, portanto, se é criado, como ensina a igreja, para a sociedade de Deus bem pobre é a côrte do Senhor dos Senhores, se é constituída pelos nossos sábios e pelos nossos santos.

A razão nos diz que, para chegarmos à altura de podermos entrar na côrte celestial, precisamos de tanto saber e de tanta verdade, que o mais adiantado habitante da terra mal pode imaginar.

Daí a necessidade de maior perfeição, que a do nosso planêta; o que supõe, como corolário, vidas sucessivas em mundos mais adiantados, para o completo desenvolvimento da perfectibilidade humana.

E não é só isso que nos ensina a razão.

Os fatos mais comuns da vida humana lhe são valiosos subsídios para a demonstração do alto princípio.

Vemos crianças desenvolverem, desde os tenros anos, antes mesmo de terem a razão esclarecida e a consciência firmada: umas, um arrastamento invencível para o bem, — outras, igual pendor para o mal. São disposições naturais, pois que se revelam desde o berço.

E se é certo que só temos uma existência — e que o espírito é criado por Deus para o corpo gerado no seio materno, só a Deus deve ser atribuída essa diversidade de índoles.

Uns nascem como que possuídos integralmente com índole ou natureza boa, porque assim saíram das mãos do Criador. Outros nascem com índole ou natureza má, porque assim saíram das mãos que criaram os bons.

Deus, então, cria espíritos com disposições para o bem — e espíritos com

disposições para o mal. E, entretanto, exige de todos a mesma perfeição!

Eis aonde nos conduz fatalmente a doutrina da vida única!

Mas não pode ser verdade o que atesta falha nas infinitas perfeições do Criador, logo o fato da diversidade de disposições inatas dos espíritos, em relação ao bem, condena, por falsa, a doutrina da vida única.

Sua oposta — a doutrina da pluralidade de existência — sustenta brilhantemente o confronto com aquêl infalível critério da verdade, em relação ao fato invocado.

Em cada existência os espíritos fazem variadíssimo uso de sua liberdade, no desenvolvimento de sua perfectibilidade intelectual e moral. Uns, assim como vemos em nossa humanidade terrestre, sobem ao maior grau; outros ficam estacionários, como ainda vemos na terra, no primeiro degrau da infinita escada da evolução. E entre os dois extremos, inumeráveis graduações.

Na seguinte existência, nesta em que examinamos o fato, o que se há de naturalmente dar? Há de se dar necessariamente que o atrasado revelará o atraso — e que o adiantado revelará adiantamento.

A diferença, pois, das disposições naturais dessas duas ordens de crenças que indicamos, não procede de Deus, mas sim dos próprios espíritos, pelo uso que fizeram da sua liberdade. Não procede de Deus, porque todos são criados em igualdade de condições, todos são dotados dos mesmos instrumentos de aperfeiçoamento e todos têm de ir ao mesmo destino: à perfeição pelo saber e pela virtude e, conseqüentemente, à felicidade mais sublimada.

O Pai reparte igualmente seus dons para todos os seus filhos e dá lhes a liberdade para desenvolvê-los na medida de sua vontade. Só a si deve acusar o que fizer mau uso do inestimável instrumento do progresso.

Só a si quis Deus, que cada um atribuisse seu adiantamento pelo bom uso daquele inestimável instrumento.

Assim, pois, a teoria das vidas-múl-

tiplas exalta o Senhor, tanto quanto a da vida única o deprime, pelo fato da diversidade de disposições morais, inatas.

E se o infalível critério da verdade de um princípio consiste em sua conformidade com os infinitos atributos do Criador, o fato que temos analisado prova, a um tempo, a falsidade do princípio da vida única e a verdade do que consagra existências sucessivas.

O idêntico resultado nos conduz à variedade da capacidade intelectual.

Pela doutrina da vida única, é Deus que dotou desigualmente a humanidade de inteligência.

Sócrates só foi grande por obra de um favor do Senhor! O selvagem é incapaz do alto saber por obra de um desfavor do Senhor!

Esta doutrina não se conforma com a indefectível justiça do Criador; logo o fato da variedade da capacidade intelec-

tual condena o princípio da vida única.

Pelo ensino espírita das vidas sucessivas, Sócrates tendo em passadas existências bem usado da sua liberdade no desenvolvimento da inteligência, que Deus lhe deu igual à de todos os homens, só a si deve o alto posto que teve no mundo.

Por aquêlê ensino, o selvagem, não tendo bem usado de sua liberdade, no cultivo da inteligência, só a si deve o seu atual atraso.

Mas Deus fez tudo com tal bondade, que, mais cedo ou mais tarde, o selvagem chegará aonde chegou Sócrates. Ainda aquí, a doutrina espírita das vidas sucessivas revela-se verdadeira com sua conformidade com as divinas perfeições.

Por estas razões a Doutrina Espírita, Ensina a Verdade

PAX.

Corumbá — MT.

## ❧ Médiuns de Mesas e Terreiros ❧



Por Públio Máximo



O impulso que o sentimento dá ao pensamento encerra todo o mecanismo essencial para se participar de uma sessão espírita. O alto teor da expansão de nossa radioatividade, contida nesse impulso, solidifica tudo no campo material, criando a dor ou a felicidade, na base direta do desejo que aciona o pensamento no mundo astral e influenciando diretamente sobre encarnados e desencarnados presentes às sessões espíritas.

O fazer parte de uma sessão espírita não é somente dizer que é médium que trabalha. Fatores acima da concepção comum são levados em consideração pelos assistentes do espaço e cuidadosamente observados, catalogados e analisados pelos Mestres da Luz e da Sabedoria Divina, sempre atentos, sem predileção por esta ou aquela corrente religiosa ou ideológica.

Para os médiuns que realmente desejam SERVIR E DAR, sem nenhum interesse particular, oculto ou remoto, todas as portas da Santa Senda estão abertas. Difícil é, porém, o caminhar daqueles que por trás de rótulos, nomes e palavras bem estudadas trazem o inte-

rêsse temporal e imediato ou ocultos sentimentos de superioridade e melhor categoria. Estes jamais poderão encontrar portas abertas, tendo alguém a esperá-los. Falta-lhes ainda aprender a servir e a dar, sem nada querer e desejar de uma sessão espírita, senão colaborar e servir a obra divina, porque aquêlê que ajuda e dá recebe em dôbro e disso não se aproveita.

Sabemos que todos procuram as sessões espíritas através do aguilhão da dor e da dificuldade, conduzidos, sem o saberem, pelos seus orientadores do espaço, para os agrupamentos que ensinam a origem da dor e dá aflição, recebendo nas sessões a cura e o bem estar, na base de passes, águas fluidas e operações astrais, desde que isto atenda aos planos de trabalhos terrestres pré-estabelecidos para cada espírito encarnado e sem ferir à Lei. Todavia, por ser o espiritismo o único veículo popular para proporcionar luz aos espíritos, não devemos contribuir para que se avolume a idéia de que as sessões espíritas são as cabeças de pontes para pulos de cercas em favor de nossos interesses mate-

riais e outros mais ocultos, não vistos por nós, porém devidamente controlados pelo Alto.

O objetivo magno, magistral e divino dos Presidentes de Centros Espíritos é buscar a beleza imensa de plantar na mente de todos os médiuns o sentimento anti-sectário, ensinando-os a serem compassivos, cheios de amor, sabedoria e paz, orientando-os, sistematicamente, para o vasto campo da mentalidade universal, apta a tudo compreender, estudar e assimilar no espiritismo, sem dogmatismo, superioridade e presunções, fugindo da crítica sem instrução, preferindo serem os prejudicados a prejudicar.

Aquêles que assim procedem, aten-

dem o essencial objetivo para o qual foram conduzidos, a fim de alcançarem a plenitude de se ligarem aos planos superiores da Sabedoria e da Luz! Quando chegar o instante divino de serem inundados de poderes e valores que lhes parecerão estranhos, compreenderão a lição do Mestre de Nazaré quando ensinou: «SOIS DEUSES», estando em condições espirituais de encontrar o Cristo e compreender a lição do Sr. Ramacrishna, de que a base para se construir uma vida espiritual é o abandono da «COBIÇA, DO OURO E DA SENSUALIDADE!»

Rio, 2/2/58.

# O Amor

X X X X X X X X X

Bianôr Medeiros

X X X X X X X X X

## I. — TEXTOS :

1.—*Mateus*, 22/37, 38, 39 : «Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Êste é o grande e primeiro mandamento. O segundo semelhante a êste é: amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Dêstes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas».

2.—*João*, 13/34, 35 : «Um novo mandamento vos dou: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Se amardes uns aos outros, todos saberão que sois realmente meus discípulos».

3.—*João*, 14/23 : «Se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará e nós viremos a êle e faremos nêle morada».

4.—*Mateus*, 4/10 : «Retira te, Satanás, pois está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a Êle servirás».

5.—*Zacarias*, 8/19 : «Amai a verdade e a paz».

6.—*Zacarias*, 7/9, 10 : «Assim falou Jahveh dos exércitos: Julgai juizo verdadeiro, mostrai misericórdia e compaixão cada um para com o seu irmão; não oprimais a viúva, o órfão, o estrangeiro e

o pobre; nenhum de vós intente em seu coração o mal contra o seu irmão».

7.—*Lucas*, 23/34 : «Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem».

8.—*Mateus*, 6/14, 15 : «Se perdoardes aos homens as suas ofensas também Deus vos perdoará; mas se não perdoardes aos homens, também o Pai não vos perdoará».

9.—*Mateus*, 18/21, 22 : «Então Simão Pedro, aproximando-se, perguntou-lhe: Senhor, quantas vêzes pecará meu irmão contra mim, que lhe ei de perdoar? Será até sete vêzes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vêzes, mas até setenta vêzes sete».

10.—*Mateus*, 5/44, 45 : «Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem e caluniam, para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos Céus, porque Ele faz nascer o seu sol sôbre os bons e sôbre os maus e vir chuvas sôbre os justos e sôbre os injustos.»

11.—*Mateus*, 5/3, 5, 7 : «Bemaventurados os humildes de espírito porque deles é o Reino dos Ceus.»

«Bemaventurados os mansos porque êles herdarão a Terra.»



«Bemaventurados os misericordiosos porque êles alcançarão misericórdia.»

12. — *Mateus, 10/7, 8*: «Ide e pregai: está próximo o Reino dos Céus. Curai os enfêrmos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demônios; de graça recebestes, de graça dai.»

13. — *João, 13/16*: «Em verdade, em verdade vos digo: o Servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado maior do que aquêle que o enviou.»

## II. — DEFINIÇÕES:

1. — *Amizade*: s. f. sentimento de quem é amigo; afeição recíproca entre duas pessoas; simpatia; estima; boas relações; dedicação; amor; benevolência.»

2. — *Amor*: s. m. afeição profunda de uma pessoa a outra pessoa do sexo diferente; objeto dessa afeição; conjunto de fenômenos cerebrais e afetivos que constituem o instinto sexual; grande amizade; afeição a coisas; veneração; compaixão; caridade; misericórdia; paixão; entusiasmo; graça, mercê. Amor platônico: intensa afeição entre pessoas de sexo diferente, desligadas de interêsses ou gozos sexuais e materiais.»

3. — *Amar*: v. t. ter amor a, querer bem a, gostar muito de, desejar, apetecer, escolher; v. int. estar enamorado, apaixonado.»

III. — Difícil é para um verme intelectual da Terra, descrever qualquer virtude e muito especialmente falar sôbre o amor. Essa tarefa é confiada aos habitantes do Céu em missão especial entre os homens. O Amor é Virtude Divina mal compreendida pelo homem da Terra. O Amor é sentimento puro, divinizado, espiritualizado, que se retrata em perene estilo de vida, invariável, permanente, por enquanto incompreensível e inacessível para nós. Por isto Jesus falou pouco sôbre o amor mas viveu-o intensamente, aplicando-o como norma de conduta invariável. O Amor, como qualquer outra virtude, se desenvolve do nada ao infinito, dominando cada vez mais a nossa mente e o nosso coração, até absorver-nos por completo. O verdadeiro Amor é sublimação da alma, característico da perfeição, símbolo de pureza, qualidade dos espíritos superiores, emancipados da carne e de

egoísmo, da ignorância e do crime, do sexo e dos desejos inferiores, ilícitos. Quando Moisés, Elias, Daniel, Isaías, Jeremias, Ezequiel e João Batista fustigavam os nossos vícios não estavam nos amando, não estavam trabalhando para a nossa regeneração moral, para a nossa felicidade? Porventura o Divino Mestre deixou de amar a Simão Pedro quando o chamou de Satanás, dizendo que o seu nobre discípulo amava mais as coisas dos homens do que as coisas divinas? Será que o Divino Mestre não nos ama quando afirma: afastai-vos de mim vós que praticais a iniquidade? Porventura o Pai celestial, a Sabedoria, a Justiça, o Amor, a Luz e o Poder do Universo, não nos ama quando permite nascermos cegos, surdos, mudos, paráliticos, deformados e mutilados aqui na Terra? Claro que sim, pois os espíritos superiores desejam o nosso bem e não o nosso mal. Nós é que, usando e abusando do nosso livre arbítrio, criamos tais situações para nós mesmos. E' que não se ama somente as criaturas, mas também a Lei, a Justiça, a Paz, a ordem universal, a vontade soberana do Altíssimo, a regeneração dos degenerados para a nossa felicidade e para a felicidade de todos.

IV. — Os antigos acreditavam que a séde da inteligência era o coração. Prova disto temos nas expressões: de cor, decorar. Em latim, coração é «cor, cordis». Por isto o guardar de memória, o memorizar, era para êles «guardar no coração», em vez de «conservar por escrito». A mente é máquina viva, complexa, a séde do pensamento, da memória, da inteligência, da consciência, da atenção ou concentração mental, da orientação, da vontade, etc. Os espíritos superiores nos ensinam que o coração é a séde do sentimento, do amor, da vida afetiva, como se verifica das expressões: coração de ouro, bom coração, coração duro, coração de pedra, verdadeira distinção entre sensibilidade moral desenvolvida da insensibilidade ou da sensibilidade embotada, entorpecida, sem cultivo algum. Na graduação da vida afetiva é que verificamos os nossos estados sentimentais: a paixão, o sentimentalismo, o amor equilibrado, sensato, a indiferença ou desprezo, o ódio, a cólera. A paixão é doença mental, loucura, idéia fixa, absorvente, dominante, escravizadora, mórbida, de cura difícil. O sentimentalismo é leviandade de espírito,

frivolidade, bondade exagerada, perniciosidade que exige retificação, enobrecimento, justiça, equilíbrio para se tornar em virtude que é o amor harmonia, amor equilíbrio, amor responsabilidade, amor justiça, amor educação. O ódio é o contrário do amor, é crime, pecado, desrespeito ao nosso semelhante, a Deus e às suas leis, às suas criaturas. O ódio sob o ponto de vista psíquico, é curto circuito, desequilíbrio mental, loucura, insanidade psíquica, mental. A cólera é desequilíbrio passageiro enquanto o ódio é duradouro, de longa duração.

V. — A mente é semelhante a uma estação de rádio emissora e receptora ao mesmo tempo, de pensamentos e sentimentos. O pensamento é força viva, energia eletro-magnética que atinge sempre o alvo a que se dirige. Exerce poderosa influência na mente e no corpo que o emite, no alvo a que se destina, provocando reação de aquiescência ou de repulsa. O pensamento de saúde cura enquanto o pensamento de doença adoenta mesmo, provocando reajuste, harmonia, equilíbrio ou desajuste, desarmonia, desequilíbrio. Com base na qualidade dos pensamentos e sentimentos, na igualdade de hábitos e inclinações, é que os homens e os espíritos desencarnados se unem, pela lei de atração, de afinidade, de identidade de vibrações, formando os grupos afins, o ambiente, o clima espiritual. O pensamento é que dá, cria a forma, deforma, mutila, afeia, embeleza, adoenta e cura, enobrece ou avilta a criatura humana. A mente é o arquivo vivo, o fichário completo, que registra os nossos atos passados e presentes, iluminando ou ensombrando o nosso corpo espiritual.

VI. — O Amor é vibração de simpatia, de alegria, de satisfação, de prazer, de contentamento, de gozo, de atração. O Amor é o alimento da alma assim como a comida é o alimento do corpo. O amor recíproco é troca, permuta de forças eletro-magnéticas que sustentam a vida normal, sadia, equilibrada, feliz. Quem não ama, isola-se, fecha-se em si mesmo, tornando-se insociável, desajustado, desequilibrado, insatisfeito, infeliz, por falta de amor, de alimento espiritual. O amor gera a saúde, a paz espiritual, a alegria de viver, a felicidade, o bom ânimo. O amor tem a sua gradação: simpatia, piedade,

compaixão, misericórdia, caridade. O amor inspira confiança, estabilidade, respeito, compreensão, alegria de viver, tranquilidade de espírito. Por isto o amor foi erigido em lei universal. O amor espiritual é dedicação, consagração, sacrifício, renúncia, abnegação, trabalho educativo, construtivo, edificante. O amor, baseado na própria natureza humana, é vida de relação, fraternidade, solidariedade, colaboração, cooperação, amparo, ajuda, auxílio, renovação, progresso coletivo e individual. O amor é vida abundante, útil, lícita, honesta, moral, digna, justa. O amor é irradiação magnética, influência poderosa que atrai, que une, que ajusta, que cura, que pacifica, que eleva e enobrece o espírito humano. O amor começa, no homem, com o instinto sexual para a reprodução da espécie e se diviniza no espírito superior, enobrecido, sublimado, puro, perfeito, completo.

VII. — O amor não é união material mas espiritual, fundamenta-se na afinidade pura, perfeita, na uniformidade de vibrações elevadas. Por isto é raro o casamento espiritual e comuns as uniões puramente sexuais ou por necessidade. O casamento entre os homens da Terra é acôrdo de vontades para um objetivo determinado: a formação de um lar, a procriação, a reparação dos êrros do passado, a aquisição de valores novos através de novas experiências. É no lar que funciona o instituto da reencarnação, a ciência do recomêço. Por isto o lar é célula viva do corpo social, a sociedade formada pela união dos indivíduos. Pela reencarnação os espíritos esquecem o seu passado criminoso, pelo amortecimento da memória, afim de que se possam unir como marido e mulher, pais e filhos, irmãs e parentes. O esforço continuado, o sacrifício, a dedicação, o trabalho contínuo permitem a reconciliação espiritual, profunda e verdadeira, o resgate total, o desenvolvimento do amor latente, impulsionando o progresso individual e coletivo. O corpo material absorve as chagas do corpo espiritual e numa existência altera se, para melhor ou pior, o destino de cada um, de acordo com o grau de aproveitamento ou desproveito das oportunidades que nos são oferecidas pelo Amor Divino. Por isto é que o lar exhibe a nossa riqueza ou a nossa pobreza espiritual, através da saúde do corpo e do

espírito, da inteligência cultivada ou sem cultivo, da adaptação ou inadaptação ao meio social, da capacidade ou incapacidade própria. É pela reencarnação e no lar que exibimos a nossa loucura, a nossa parálise, a nossa deformação ou mutilação, a nossa beleza ou a nossa feiura que retratam, por si, em silêncio, as nossas vidas pregressas, o nosso verdadeiro passado, o nosso céu, o nosso purgatório e o nosso inferno interior, pessoal, personalíssimo, que nos acompanha por toda parte. No lar se reúnem inimigos, algôzes e vítimas, para o aprendizado, através da reconciliação, da expiação e da reparação, transformando o ódio em amor, inimigos em amigos, algozes em benfeitores. O lar é um verdadeiro laboratório vivo de virtudes curadoras, de regeneração e de progresso espiritual. E só o lar pode fazer isto. Por isso, o dever bem cumprido é porta de libertação, é escada de ascensão, é oficina de progresso, é templo de redenção, unindo, reformando, curando, libertando para sempre. Por isto o aborto voluntário ou provocado é crime de difícil e demorada reparação, por vedar a recapitulação de experiências para o espírito que renasce, a reparação por parte dos pais de êrros cometidos no passado, a reconciliação entre inimigos, o progresso espiritual. Por isto o abandono moral, intelectual e material

da prole constitui crime punido com severidade. Os dois esteios que sustentam uma casa são o marido e a mulher. Se um deles fracassa em sua tarefa, em sua missão, a vida conjugal e doméstica torna-se sacrificial para o outro conjugue. A estabilidade e o progresso do lar, da família depende, portanto, da atividade esclarecida e consciente dos dois conjugues e do bom aproveitamento por parte dos filhos.

VIII — O lar é escola viva, por isto a criança deve merecer cuidados intelectuais, morais e materiais por parte dos seus pais, os responsáveis pela sua formação espiritual. Como a Terra é habitada por espíritos atrasados, revoltados, inadaptados à vida prática, ao trabalho, à ordem, à disciplina, à formação espiritualizante, cumpre aos pais instituírem o culto doméstico, o estudo espiritualizante desde o início, procurando adaptar os espíritos que vão se reincarnar ao novo meio, à nova oportunidade. Sem o estudo e a prática do Evangelho nenhum lar pode tirar bom proveito da oportunidade que lhe é oferecida. A formação espiritual não se improvisa, depende de esforço, de perseverança, de formação lenta, básica, completa, perfeita, superior.

Olimpia, 9/2/1958.



# Noblesse Oblige... ❄️ ❄️

**J**Á declarei, em artigo inserto nos periódicos «Almenara» e REVELAÇÃO, de dezembro do ano p. findo, que apenas para dar uma demonstração de aprêço ao Imbasahy e resposta antecipada a quem, porventura, quisesse envolver-se na discussão sobre as Santas Escrituras, que toda luz, em nosso mundo inferior, vem sempre envolta em trevas, etc. Por essa declaração estou dispensado de voltar ao assunto, sem absolutamente incorrer em falta para com quem quer que ainda possa escrever a respeito da questão.

Acontece, porém, que o dr. Mário Cavalcanti de Mello dirige-me carta aberta pelas colunas de «Revista Interna-

cional do Espiritismo», de 15 de janeiro último, na qual põe em dúvida a procedência da citação que fiz de um tópico de César Cantú sobre a Bíblia — e somente a necessidade de me defender dessa insinuação pouco fraterna, poderia levar-me a quebrar a linha de conduta que me tracei, como acima ficou dito, de não voltar mais ao assunto.

Espíritas que somos, incumbidos de zelar pela prática dos ensinamentos do Cristo, escoimados de superfetções mundanas, não podemos acompanhar os costumes, radicados entre os plumitivos profanos, de deprimir os contendores, de derrotá-los para gáudio do nosso orgulho, da nossa vaidade. Se é isso o que preten-

de fazer o grupo que vaidosamente ostenta-se com o título de «Escola de Niterói», disposto a destruir todo o alicerce do Cristianismo, pretendemos que o seu procedimento não se enquadra no Espiritismo, mas unicamente no cientificismo espiritualista ou Metapsíquica, isto é, organizado para estudar os fatos e não para carregar a cruz que em nossos ombros está posta, de compartilhar, por amor, de tanto sofrimento humano e procurar mitigar as dores do nosso próximo. Esta é a característica dos que seguem o Evangelho.

Não faço citações no ar, meu ilustre confrade. Da edição, em fascículos, de César Cantú, a que recorri, para ilustrar uma página da minha recente História da Literatura Catarinense, transcrevi o que se segue: «Tôda a literatura hebráica está encerrada na Bíblia, livro que, como dizia o ilustre orientalista Jones, «contêm mais eloquência, mais verdades históricas, mais moralidade, mais riquezas poéticas e numa palavra mais beleza em todos os gêneros, do

que se poderiam encontrar em todos os outros livros reunidos, em qualquer século, e em qualquer língua, que tenham sido compostos».

«A literatura hebráica funda-se inteiramente na religião cuja diferença essencial não deixou que os gregos e romanos a compreendessem, assim como não compreenderam o gênero de vida da Nação: o que foi causa de ignorarem por tanto tempo, até a existência dos livros santos. Sômente quando Ptolomeu Evergetes os mandou traduzir, um dentre os tradutores, o retórico Longino, descobriu a sua sublimidade; outros os julgaram o produto de idéias platônicas». (César Cantú: História Universal, pags. 312 a 316, *passim*).

Dessa transcrição utilizei-me, na resposta ao Magaldi, do primeiro trecho.

Cantú deve ter razão: os gregos e romanos ainda não podem compreender as Santas Escrituras...

Arnaldo S. Thiago.

São Francisco, 6 de março de 1958.

## Sôbre uma Música Mediúnica de Schumann

O imortal compositor alemão Robert Schumann (1800-1856) tem vários fatos relacionados com o Espiritismo que bem mereciam ser divulgados, como suas visões e audições supranormais, seus contatos com as mesas girantes, a história do concerto de violino, póstumo, descoberto em Berlin (1937), etc. Trataremos, desta vez, sômente de sua peça mediúnica, intitulada: «Mein letzter Seufzer» (Meu último suspiro), cujas notícias extraímos de «Luce e Ombra» de janeiro de 1957, pag. 12, escritas por Zingaropoli.

É uma prova interessante de mediunidade musical e da identificação de um espírito, caso pouco comum na literatura espírita, motivo pelo qual julgamos útil a sua divulgação. Zingaropoli fez amplo comentário da música espírita de Schumann, baseando-se nos dados fornecidos pelo livro «Souvenir et problèmes spirites», por Mme. C. G., Paris, 1905, «Lib. Sciences Psychiques». Em uma certa reunião realizada em Paris,

no começo deste século, o guia da médium senhorita R. foi consultada por um dos presentes sôbre a possibilidade de uma comunicação de Schumann. A resposta foi positiva, e então o espírito de Schumann apareceu comunicando o seu nome e disse que poderiam reconhecê-lo por amar a Austria e pelo estilo de composição musical que enviaria. Realmente, constatou-se que suas biografias indicam a preferência de Schumann por Viena, capital artística e política da Austria. A peça musical enviada teve por título «Meu último suspiro». Essa música foi executada ao piano, e constatou-se que era uma melodia triste, com alguns erros de harmonia (provavelmente devida à médium) o estilo foi reconhecido como sendo o de Schumann, por um professor austríaco, que executou a música, sem saber anteriormente quem era o autor!

Essa interessante mensagem musical é composta de dois movimentos: Andante e Maestoso. A crítica interpretou a primeira parte, como sendo os últimos

instantes da morte do genial músico alemão: é uma série de harmonias que termina súbitamente, de modo a suscitar a idéia de morte, que rapidamente veio ao encontro do jovem compositor. A segunda parte é uma marcha fúnebre, e o final exprime a alma que se liberta do corpo físico, porém ainda perturbada na vida espiritual.

As biografias clássicas de Schumann pouco falam de suas relações com as mesas girantes. Os interessados poderão encontrar alguns detalhes nas obras: «La vie douloureuse de Schumann»,

por Victor Basch (Lib. Felix Alcan, Paris), obra exgotada, encontrável somente em grandes bibliotecas, e «Vida Romântica», Inquietudes artísticas e Diário Íntimo de Schumann», por Eugênia Schumann, editada em Buenos Aires, há alguns anos. (1)

Cicero Pimentel.

Rua Rio Grande do Norte 156, c/1 —  
Sto. André — Est. São Paulo.

(1) «Reformador» jan. 1955, «Das mesas girantes e falantes». Z. W.

## Crônica Estrangeira

Crianças psíquicas salvam a  
mãe de naufrágio e de-  
sastre de avião

São as crianças psíquicos  
naturais?

Fizemos esta pergunta quando recentemente imprimimos um artigo de um jornalista não espírita que tratava de uma criança psíquica. Leitores responderam à nossa pergunta, enviando relatos de fatos idênticos.

Eu creio que crianças e animais têm, por vezes, maiores poderes psíquicos do que adultos. O que segue prova a minha afirmativa.

«Estávamos estacionados em Singapura. Depois do ataque japonês, naquela terrível noite, dezembro de 1942, víamos em constante agitação.

Intimaram todas as mulheres e crianças a abandonarem a ilha. Como eu tinha dois filhinhos, arrumei os meus objetos e tristemente me preparei para deixar minha casa e marido e pôr-me em segurança.

Recebemos aviso que podíamos voar para a Austrália ou Índia. Rapidamente fui ao porto aéreo para obter a passagem, quando minha filha começou a chorar e, olhando para o avião, disse: «Não, não mamãe, não entre neste aleoplano... aleoplano vai ser bombeado, bomba, e vai cair na água.»

As criança foram cuidadas por uma aia chinesa e algumas vezes falavam com

acento chinês. Minha filhinha continuou a chorar e me puxava para me afastar. Então chegou outra mulher, bem doente e pediu-me ceder-lhe o meu lugar. Com relutância, eu lhe cedi o meu lugar.

No dia seguinte nos ordenaram ir ao Cais Collier para embarcar para a Índia. De novo apanhei meus objetos e lá fomos com a resolução de embarcar. Antes morávamos na Índia e lá tínhamos muitos amigos, portanto grande era o meu desejo de ir.

Ao chegarmos à doca, vimos uma multidão de mulheres da Índia, todas a chorar. Seus maridos haviam guerreado e morreram na Malaia Norte, e elas voltavam, viúvas, para a Índia, numa situação pior do que a morte.

Disponha-me a tomar o navio com as crianças, quando Diana olhou em volta e disse: «Não, mamãe, este navio não vai para tia Lallie na Índia: este navio vai afundar na água, vai encontrar bomba, bomba». Eu estava desesperada, o soluçar das viúvas era impressionante e eu não queria deixar meu marido, e afrontar uma sorte desconhecida.

Então o meu filho olhou e disse firmemente, «Ó, por favor mamãe vá num outro barco, não este, mau».

Mais uma vez voltei ao lar, com o pensamento dominante de precisar partir, antes de sermos bombardeados.

Poucos dias depois, encontramos outro navio, prestes a partir para a Austrália. De novo fomos ao cais. Quando chegamos à ponte, as crianças riram e exclamaram: «Ó mamãe, bonito barco, bonito para ver tia Mary e todas as ou-

tras tias. Bonita água e bonita casa nova. Nenhuma bomba, bombas».

Nessa ocasião eu não sabia em que pensar, mas dentro de poucas horas, navegávamos, perto de Singapura, observando os grandes incêndios.

Dez dias depois chegávamos a Java, onde embarcamos em outro navio, rumo à Austrália. Diversas vezes nos atacaram, mas não fomos atingidos e a salvo chegamos a Adelaide. Depois fomos a Sidney. Lá, uma das primeiras pessoas que encontramos foi tia Mary e muitas amigas, chamadas *tias* pelas crianças.

Soubemos que o avião destinado à Índia fôra abatido e todos os passageiros sucumbiram. O navio que rumava para a Índia fôra afundado ao largo de Ceylon, e muitas vidas se perderam. Mas nós estávamos salvos na Austrália, graças às faculdades psíquicas de meus filhos, e o auxílio daqueles no Alê. Quem o diria? Como quer que seja, hoje todos estamos vivos porquê eu atendi ao choro de crianças». Phyllis Morris.

De «*Two Worlds*».



## Como encontrou o seu irmão

De «*Estudos Psíquicos*».

O sr. Snid E. Smith publicou no *Fate*, de Londres, um relato subordinado ao título desta nota e que merece arquivado pela forma e pelo conteúdo.

A sra. Smith andava no colégio, quando seu irmão Harold desapareceu, sem que ninguém o pudesse localizar. Foi quando ela regressou a casa a passar as férias e seu irmão Vitor, que era médium, a tentou convencer do fenômeno espírita. Ela, porém, era ortodoxa e tudo atribuía aos sentidos e à trapaça.

Um dia condescendeu com o irmão e foram para um quarto vago no primeiro andar, fechando as janelas para não serem incomodados. Sentaram-se junto de uma grande mesa e puseram as mãos sobre ela.

Como seu irmão tinha apenas 10 anos, observou-o cuidadosamente, não fosse ele ser vítima de qualquer partida. No entanto parece-lhe que ele não tomava grande parte no fenômeno; e quando se

lembra destas experiências julga que o irmão caíra em transe, visto aparentar aspecto de mais velho e falar em voz diferente.

O primeiro fenômeno surgiu quando se sentaram. Eram pequenas pancadas no quarto e na mesa. A sra. Smith pediu que as pancadas fossem dadas em determinados sítios, debaixo de suas mãos e das mãos de seu irmão e debaixo da mesa. Tudo se passou como tinha pedido, demonstrando-se assim a existência de uma força inteligente e invisível. Depois e por intermédio de um código previamente elaborado, foi-lhes dito que a sua falecida mãe estava presente e responderia a qualquer pergunta.

Receberam então indicações acerca do lugar onde poderiam encontrar Harold e nessa mesma tarde a sra. Smith se pôs a caminho, em viagem de autocarro, até que deu com a morada.

O coração batia-lhe desordenadamente, enquanto subia a escada e tocava a campainha de um prédio de tijolo que parecia colégio.

— Senti-me ridícula — disse ela — e tive o pressentimento de uma desilusão. Nesse momento abriram a porta e apareceu a dona da casa, a quem perguntei se meu irmão ali vivia.

— Vive, sim, respondeu a interlocutora. Faça favor de entrar. Vou chamá-lo.

O encontro entre os dois irmãos foi patético. Ela não acreditava no que via e ele queria saber como tinham conseguido a sua morada.

Conversaram animadamente. Harold falou dos seus estudos artísticos e do trabalho que queria realizar sózinho, sem interferência de ninguém.

E desta maneira a sra. Smith passou uma boa manhã junto do seu «irmão desaparecido» que a falecida mãe ajudara a encontrar...

Como temos dito, as grandes provas obtêm-se quase sempre espontaneamente. A sra. Smith não acreditava nos fenômenos espíritos, julgava que tudo eram truques e artes diabólicas. E teve a demonstração do contrário e converteu-se ao Espiritismo. Que a nós pouco importa a sua conversão, porque não tiramos lucro algum do acontecimento, mas apenas a satisfação de saber que mais uma alma se libertou de concepções errôneas que infelicitam a humanidade.

# NECROLOGIA

## Na Assembléia

*Homenagem á Família do  
dr. Zoilo Simões*

Transcrevendo de «O Tempo», jornal de São Manuel, a nota que, com os títulos acima, êle publicou, sôbre o doloroso acontecimento que envolveu a família do dr. Zoilo Simões, um dos espiritas mais conhecidos e dedicados à nossa causa, nós o fazemos para registrar, no testemunho da linguagem profana, o valor e os méritos do querido confrade e de sua família.

Esse testemunho insuspeito, publicado em 13 de abril último, é o seguinte:

«O Deputado Geraldo de Barros encaminhou à Mesa da Assembléia Legislativa Estadual, na sessão de segunda feira última, requerimento no sentido de ser consignado voto de profundo pesar pelo acontecimento que ceifou em 1.º de abril, as vidas do Dr. Zoilo Simões, sua esposa, Dna. Sara Quevedo Simões, seus filhos, Roberto, Isabel e Vera, e sua tia, Dna. Alcinda Meira Cardoso. A justificativa apresentada pelo Deputado sãomanuelense foi a seguinte: —

«O infausto acontecimento que tirou as vidas da família do dr. Zoilo Simões, ocorrido num desastre automobilístico, no dia 1.º do corrente, consternou profundamente tôda a população de São Paulo. Demandava o dr. Zoilo e sua família a caminho de Limeira, quando se deu tão infausta ocorrência. O dr. Zoilo Meira Simões, filho do saudoso Amando Si-

mões, seguiu as pègadas do seu pài na filantropia e com imenso amor e carinho, conduzia os destinos do Orfanato Lar «Anália Franco» de São Manuel. Grande lavrador e profundo conhecedor da cultura cafeeira, foi sempre um destemido defensor da sua classe. Está de luto o povo de São Manuel. O doloroso acontecimento encheu de pesar tôda a cidade, que sente inconformada, a perda da família do dr. Zoilo, tão estimada e querida dos seus conterrâneos. O extinto que vinha dirigindo já há tempos o «Lar Anália Franco», com ardor e dedicação, ficou credor da admiração popular; perdem, pois, as meninas dêsse Orfanato, o seu grande benfeitor e choram a sua lamentável perda.

Como representante de São Manuel, nesta Assembléia Legislativa, não poderia deixar de prestar nesta triste oportunidade as minhas homenagens a quem tantos benefícios prestou à crianças de minha terra. Compartilhando da dor que o povo sãomanuelense sente pela irreparável perda de filhos tão queridos, rendo pois, a minha homenagem e o profundo pesar à família enlutada».

*Arlindo Colaço*

O mensário «Paraiba Espírita», que se edita em João Pessoa, trouxe, em seu número de janeiro, a notícia seguinte:

«Desencarnou, em fins de dezembro p. passado, a bordo de um avião da carreira, que se destinava a esta

cidade, procedente de São Paulo, o escritor Arlindo Colaço, nome bastante conhecido em nossos meios culturais e jornalísticos.

O escritor conterrâneo, que é natural de Alagoa Nova, sempre se caracterizou pelo seu espírito de polêmica, utilizando em seus escritos uma argumentação segura e forte, mas baseada em fatos históricos.

Pode-se criticar o saudosso homem de letras pela virulência de seus ataques a uma série de erros e absurdos, mas não se pode deixar de reconhecer-lhe a honestidade intelectual, pois tudo que afirmou tinha base num documento.

Outra interessante faceta da personalidade do escritor Colaço era o acendrado amor à liberdade de pensamento e de opinião. Inimigo acérrimo do fari-saismo hipócrita, o ilustre intelectual talvez tenha pecado por excesso de franqueza, de sinceridade consigo mesmo.

Teve um dos seus livros apreendido pela polícia pernambucana. Mas êsse incidente não amedrontou o polemista desabusado. Pelo contrário: foi motivo para novos trabalhos. A luta foi o seu clima. Estava seguro de que o escândalo é necessário.

Lamentamos profundamente o seu desencarne. Assistimos ao seu enterro físico. Muita simplicidade e muito sentimento. À beira do túmulo, usou da palavra o nosso confrade General Leite.

A sua esposa, que é excelente *médium*, soube enfrentar o golpe com muita resignação, digna de uma espírita.

Pessoas de todos os credos estiveram presentes ao

sepultamento dos restos mortais do pranteado escritor.

Para êle as nossas preces».

—  
*Laura Siqueira Santos*

Em Campinas, onde residia, passou para a vida espiritual d, Laura Siqueira Santos, cuja existência, de 71 anos, foi tôda dedicada ao bem do próximo e da família, como espírita convicta que era.

A respeito de seu passamento, ocorrido em 24 de março, transcrevemos adiante a carta que recebemos de seu filho, Juvenal Siqueira Santos, nosso prezado confrade.

Eis a carta:

«Desencarnou serenamen-

te, confortando a todos os filhos, netos, genros, noras e demais parentes, consolando e repetindo «*Sou feliz*».

Minha mãe — *Laura Siqueira Santos* — foi antiga colaboradora, juntamente com papai, há muito desencarnado, do velho «seu» *Batuirá*, como o chamávamos na intimidade. Esse vulto da espiritualidade hospedava-se em nossa residência, sempre que saia da Capital para o interior em propaganda da «*Verdade e Luz*», sua conceituada revista espírita

Logo após a minha dissertação-despedida e prece final do «*Pai Nosso*», pouco depois da *Ave Maria*, mamãe desprendia-se serenamente e partia para o além.

Assim como há vários lustros, o meu progenitor, estoicamente, falando e calmo até os últimos momentos, encorajando e pedindo a todos fortaleza e fé, certo da vida que continua, João Baptista Santos, em cujo sepultamento falou o dr. Souza Ribeiro, exaltando os últimos pedidos do velho espírita: «nada de lágrimas, de velas e de luto», assim agora, no dia 24, minha genitora despedia-se, voltando ao mundo de onde viera.

Repetiu os mesmos pedidos do velho, as mesmas palavras de conforto, a mesma coragem e a mesma fé.»

Resta-nos, apenas, acrescentar: assim é que costumam morrer os espíritas!

# ESPIRITISMO NO BRASIL

## O II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas

Com a magnitude de verdadeiro acontecimento histórico, a ficar registrado nos anais do Espiritismo no Brasil, foi levado a efeito o II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas que, por iniciativa do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, teve lugar na Capital do Estado nos dias 18 a 23 de abril último.

A fraternidade da reunião de espíritas de vários Estados brasileiros, foi a nota dominante do certame, cujo noticiário está sendo preparado, na devida ampli-

tude, para nossos próximos números.

Além disso, porém, digna de nota, era a organização da Mesa do Congresso com a predominância de confrades vindos de fora: presidente — Lauro Schleder, diretor de «*Mundo Espírita*», de Curitiba, Paraná; vice-presidentes — Carlos Imbassay, o grande escritor, de Niterói — Rio de Janeiro; Pereira Guêdes, diretor de «*Almenara*», da Capital Federal; Francisco Raitani, também de «*Mundo Espírita*» de Curitiba, todos dando cabal de-

sempenho na presidência do conclave, sendo justo destacar ainda o trabalho eficiente e dedicado de Euripedes de Castro, secretário-geral, de São Paulo, o qual não mediu esforços pelo êxito daquela magnífica reunião espírita.

Os debates do Congresso, foram realizados na sede do Clube dos Jornalistas Espíritas e as conferências na Federação Espírita do Estado de São Paulo e no Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento.

As teses debatidas, foram da mais palpitante atualidade e tiveram o condão de fazer vibrar o Congresso, sem quebra da perfeita cordialidade que reinou entre os congressistas. E, com suas conclusões, o tentame atingiu plenamente as fina-



lidades que o ditaram.

Assim foi que vimos desfilar na tribuna, além de jornalistas e escritores de São Paulo, dos mais distintos, as figuras eminentemente simpáticas, de oradores, como Carlos Imbassay, na sua estatura moral de sábio e de mestre; Pereira Guedes, o iconoclasta de fisionomia e de gestos, mas com seu coração de pomba; Olivio Novais, dramático, refletindo sinceridade; Noraldino de Melo

Castro, cultura e discrição; Aleixo Vitor Magaldi, alma e coração; J. Herculanio Pires, conhecedor profundo da Doutrina, expositor claro, conciso, corajoso, sem perder a medida na paixão pelas teses que defende.

E, como esses, tantos outros, embora alguns não tenham podido chegar até ao fim dos trabalhos.

Nem faltou, ao ambiente, a presença benfazeja da mulher espírita, com a sua

fê e a sua palavra, para maior brilhantismo do grande Congresso realizado, como foi o caso da jornalista Guiomar Ferreira, do Rio de Janeiro, a qual impressionou, na tribuna e fora dela, pela vivacidade de inteligência e cultura demonstrada.

Grande foi o Congresso, oportunas as teses, e de magna importância as conclusões alcançadas.

Parabens aos seus dignos promotores.

## Conselho Federativo Nacional

*Órgão da Federação Espírita Brasileira*

Súmula da Ata da Reunião mensal ordinária realizada em 1 de Março de 1958

À hora regimental, após proferir a prece inicial, o Presidente dá posse aos novos representantes da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo e da Federação Espírita do Piauí, respectivamente Alberto Nogueira Gama e dr. Moacyr Fernandes Dias, dizendo do valor de ambos como trabalhadores da Doutrina. É lida e aprovada a Ata de Fevereiro, constando do Expediente officio da União Espírita Mineira anunciando a realização, em Junho próximo, do Terceiro Congresso Espírita Mineiro, tendo sido eleito para Presidente de Honra o Sr. Wantuil de Freitas, Presidente da Federação Espírita Brasileira. O Conselho aprova unânimemente a seguinte Proposição: —

«O Conselho solicita de tôdas as editoras espíritas, quer de periódicos, quer de livros, que não dêem publicidade a trabalhos mediúnicos sem a indicação do nome do médium receptor».

*Pernambuco* — O Conselheiro Joaquim da Costa Vilaça relata atividades da Federação Pernambucana desde 1956, apresentando relação das sociedades filiadas.

*Piauí* — O Conselheiro Dr. Moacyr Fernandes Dias agradece sua designação para o Conselho e noticia a rea-

lização da Quarta Confraternização das Mocidades e Juventudes Espíritas do Norte e do Nordeste do Brasil, em Teresina, em Julho deste ano.

*Maranhão* — O Conselheiro Clóvis Ramos comunica estar a Federação Maranhense empenhada em aumentar suas atividades no setor assistencial e na difusão do ensino primário.

*Goiás* — O Conselheiro Almerindo Martins de Castro informa haver a Federação Goiana eleito seus novos dirigentes e solicita informes sobre a data da reunião dos presidentes das Entidades Estaduais. O Conselho delibera que tal reunião seja, se possível, em fins de Agosto do corrente ano.

Após o estudo de vários assuntos, o Presidente faz longa exposição sobre os últimos acontecimentos referentes ao movimento espiritista no Brasil, em Portugal e na França, finalizando-se a reunião com a prece proferida pelo representante de Santa Catarina, precisamente às dezesseis horas.

## Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. \$ 342.006,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina.

## Dante Ferrioli

Comunicamos aos nossos amigos e assinantes e aos confrades em geral, que o representante de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo» o nosso companheiro Dante Ferrioli, se acha presentemente percorrendo o Norte do Paraná.

Para êle, estamos certos da boa acolhida dos espíritas dêsse Estado, o que sinceramente agradecemos.

## Telegrama

Do Rio de Janeiro, recebemos o seguinte telegrama :

«Agradeço gentileza da remessa do número 2, do corrente ano, da «Revista Internacional do Espiritismo» cujos artigos e noticiário estou lendo com o máximo interêsse. Saudações» (a) *Senador Lino de Matos.*

## Palavras Amigas

O confrade José Alves Pereira, de Pindorama, comunicou-nos a eleição da nova diretoria do Centro Espírita «Aman-tes de Jesus», e na mesma carta enviou-nos carinhosos votos pela proteção do Alto em favor dos companheiros de trabalho de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», o que agradecemos de coração.

Êsses votos, como bem acentua o confrade—são oportunos—«principalmente nestes momentos difíceis que atravessa

o Espiritismo com a perda de grandes es-teios da espiritualidade, que estão mudan-do para a pátria espiritual, abrindo pro-fundas lacunas nos meios espíritas do Brasil».

Gratos, retribuimos êsses votos ge-nerosos.

## Campanha do Sêlo da USE

O Conselho Metropolitano Espírita, promoveu, a 6 de abril último, na Capital do Estado, o lançamento da Campa-nha do Sêlo da USE, cuja confecção foi aprovada por ocasião do III Congresso Espírita Estadual.

Da circular, que recebemos a res-peito, extraímos a seguinte explicação :

«O escôpo principal dessa Campa-nha é a difusão e maior colocação do sê-lo da USE junto aos espíritas da Capital e de todo o Estado de São Paulo.

Para êste fim, o Conselho Metro-politano fará realizar, na Capital de S. Pau-lo, centenas de reuniões, difundindo, es-clarecendo, desenvolvendo êste trabalho, e solicitando objetivamente o seguinte :

a) a solidariedade de tôdas as socie-dades espíritas de São Paulo;

b) a resolução de tôdas as socieda-des espíritas no sentido de que seja ADI-CIONADO (colado no verso) nos reci-bos de seus sócios, MENSALMENTE UM SÊLO DA USE, e solicitado dos mesmos, para cobertura dêsse sêlo, a importância de Cr. \$ 1,00.

c) o trabalho de esclarecimento, por parte das direções de tôdas as sociedades espíritas, da importância e significação do sêlo da USE».



## Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro :

Do 2.º ano Cr.\$ 170,00	Do 20.º ano Cr.\$ 150,00	Do 27.º ano Cr.\$150,00
Do 4.º ano . . 170,00	Do 21.º ano . . 150,00	Do 28.º ano . 150,00
Do 5.º ano . . 170,00	Do 22.º ano . . 150,00	Do 29.º ano . 150,00
Do 6.º ano . . 170,00	Do 23.º ano . . 150,00	Do 30.º ano . 150,00
Do 7.º ano . . 170,00	Do 24.º ano . . 150,00	Do 31.º ano . 150,00
Do 18.º ano . . 170,00	Do 25.º ano . . 150,00	
Do 19.º ano . . 150,00	Do 26.º ano . . 150,00	

---

Obras mediúnicas recebidas pelo  
médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo  
Brasil, Coração do Mundo  
Parnaso de Além-Túmulo  
Instruções Psicofônicas  
Cartas de uma morta  
A Caminho da Luz  
Coletâneas do Além  
Paulo e Estevão  
Pontos e Contos  
Ação e Reação  
Gotas de Luz  
O Consolador  
Fonte Viva  
Ave Cristo  
Pão Nosso  
Pai Nosso  
Emanuel  
Voltei  
Nosso Lar  
Libertação  
Volta Bocage  
Os Mensageiros  
50 Anos Depois  
Novas Mensagens  
No Mundo Maior  
Há Dois Mil Anos  
Missionários da Luz  
Palavras de Emmanuel  
Vozes do Grande Além  
Entre a Terra e o Céu  
Obreiros da Vida Eterna  
Crônicas de Além-Túmulo  
Caminho, Verdade e Vida  
Nos Domínios da Mediunidade

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À  
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»  
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

---

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

# OBRAS RECOMENDÁVEIS

## Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos  
O Espírito do Cristianismo  
Cristianismo e Espiritismo  
Na seára do Mestre  
Em torno do Mestre  
Na Escola do Mestre  
O Espiritismo à Luz do Evangelho

## Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo  
Livro dos Espíritos  
Livro dos Médiuns  
O Céu e o Inferno  
Obras Póstumas  
A Genese  
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas  
Doutrina Espírita  
O que é o Espiritismo  
Principiante Espírita

## Vários assuntos:

A Alma é Imortal  
Animismo ou Espiritismo?  
A Grande Esperança  
Comentários à Historia das Religiões  
Um caso de Desmaterialização  
Animismo e Espiritismo  
Ciência Metapsíquica  
Evolução  
A reencarnação e suas provas  
O Esp. e os Problemas Humanos  
A Loucura sob um novo prisma  
A crise da Morte  
Fenômenos de «Transporte»  
A Psiquiatria em face da reencarnação  
O Espiritismo à luz da crítica  
Cientismo e Espiritismo  
O Espiritismo perante a ciência  
Depois da morte  
O Espiritismo à Luz dos Fatos  
A Reencarnação

## Romances:

Ave Cristo  
Amor e Odio  
Nas telas do Infinito  
Estela  
O Sinal da Vitória  
Almas Crucificadas  
Casa Assombrada (A)  
Canção do Destino  
Do Calvário ao Infinito  
Marieta  
Marta  
A Barqueira do Júcar  
O Espírito das trevas  
Vítimas do Preconceito  
Eleonora  
Alguem chorou por mim  
Mireta  
Almas que Voltam  
O céu em nossas almas  
Lidia  
A Ssnâmbula  
O Chanceler de Ferro  
Memórias de uma alma  
A vingança do Judeu  
Reis, Príncipes e Imperadores  
Cruzada Redentora — 3 vols.

## Infantis:

Conselhos ao meu filho (contos)  
A Historia de Paulinho  
Meu livrinho de Orações  
Historietas do Irmão Monteiro  
João Vermelho no Mundo dos Espíritos  
Os meus deveres  
História de Catarina  
Escuta meu filho (contos)  
Histórias que Jesus contou  
Mensagem do pequeno morto  
História de Maricota  
Jardim da Infância  
O Meu Diário  
O Espiritismo na Infancia  
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.



# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

*Diretor: A. Watson Campêlo*

*Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração  
**MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL**

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$ 90,00
Semestre	—	„ „	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	150,00
Semestre	—	„ „	75,00

**NUMERO AVULSO CR. \$ 8,50**

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente  
**A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira**

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro



